



- A Vida Religiosa Samaritana
- Alguns elementos para se compreender hoje a Teologia da Graça
- Desafiadas a tecer uma nova espiritualidade que gere esperança e vida para todos e todas
- Renascimento da ética como bioética: fundamentos a partir de Hans Jonas



Sumário

EDITORIAL	577
PALAVRA DO PAPA	581
INFORME CRB	583
ARTIGOS	588
A Vida Religiosa Samaritana	588
JALDEMIR VITÓRIO, SJ	
Alguns elementos para se compreender hoje a Teologia da Graça	604
GERALDO LUIZ DE MORI, SJ	
Desafiadas a tecer uma nova espiritualidade que gere esperança e vida para todos e todas	616
THOMAS HUGHES, SVD	
Renascimento da ética como bioética: fundamentos a partir de Hans Jonas	629
FLAVIANO OLIVEIRA FONSÊCA, OFMCAP.	
ÍNDICE DA CONVERGÊNCIA, ANO DE 2007	636

A ilustração da capa da Convergência de 2007, do artista Anderson S. Pereira, MSC, foi inspirada no livro de Rute, no qual a mulher é protagonista do resgate da vida. A realidade de dor e esperança transpassa o corpo da mulher, símbolo da VRC inserida que vive o mistério de Deus encarnado.



CONVERGÊNCIA

Revista Mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB
ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL

Ir. Márian Ambrósio, DP

REDATOR RESPONSÁVEL

Pe. Marcos de Lima, SDB
(Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO

Coordenadora

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho Editorial

Ir. Aíla Luiza Pinheiro de Andrade, NJ
Pe. Francisco Taborda, SJ
Pe. Jaldemir Vitório, SJ
Pe. Cleto Caliman, SDB

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Alcindo Guanabara, 24/4º andar
20038-900 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 2240-7299
Fax (21) 2240-4486
E-mail: crb@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br

Registro na Divisão de Censura e
Diversões Públicas do PDF
sob o nº P. 209/73

*Os artigos assinados são de responsabilidade
pessoal de seus autores e não refletem
necessariamente o pensamento da CRB
como tal.*

Assinatura
Anual
para 2007

Brasil: R\$ 80,00
Exterior: US\$ 80,00 ou o correspondente em R\$ (Reais)
Números avulsos: R\$ 8,00 ou US\$ 8,00

Editorial

Celebrar o Natal

As comemorações do Natal fazem parte da mais antiga tradição da Igreja católica. Já antes que Francisco de Assis, no século XIII, introduzisse e popularizasse os presépios, como expressão de piedade popular e peça importante nas representações do mistério do nascimento de Jesus, as comunidades cristãs sempre deram ênfase à festividade do Natal, considerada de peculiar relevância para a celebração do inefável mistério da encarnação do Filho de Deus.

No *poverello* de Assis, essa devoção ao grande mistério cristão que o Natal celebra se revestia de ternura e compaixão por Deus e pela humanidade, retratadas por ele nos seus presépios. Mas ia muito além. Como afirma o seu biógrafo Tomás de Celano, "mais do que qualquer outra solenidade, Francisco celebrava o Natal com uma alegria inefável, dizendo que era a festa das festas, pois nesse dia Deus se fez menino e sugou o leite". Na experiência espiritual que Francisco tem desse mistério fundamental da fé cristã, ele destaca o realismo da encarnação: "Deus se fez menino e sugou o leite". A partir daí, Deus é nosso irmão e assume a história humana na sua totalidade. Por isso dizia o Santo de Assis, "que coisa santa e querida, tranqüila e humilde, pacífica e suave e amável e desejável sobre todas as coisas é ter um tal irmão: um irmão que deu sua vida

por suas ovelhas; um irmão que rezou a seu Pai por nós". Ao mandar representar o primeiro presépio vivo, pela primeira vez na história, em Greccio, disse: "quero evocar a lembrança do Merino que nasceu em Belém, e todos os incômodos que sofreu desde sua infância; quero vê-lo tal qual ele era, deitado numa manjedoura e dormindo sobre o feno, entre um boi e um burrinho".

Nestes arroubos do Santo medieval é fácil perceber os ecos das palavras inspiradas do Novo Testamento referentes a esse mistério. Assim, Paulo, quando diz aos gálatas; "mas quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu filho, nascido de uma mulher e sujeito à lei, para pagar a libertação daqueles que estão sujeitos à lei, para que nos fosse dado sermos filhos adotivos". Ou quando exorta os Filipenses a ter os mesmos sentimentos de Cristo Jesus, que "sendo de condição divina...se despojou tomando a condição de servo, tomando-se semelhante aos homens..." Da mesma maneira, o Apóstolo João quando reza no começo do seu evangelho: "No princípio era o Verbo... e o Verbo era Deus... e o Verbo se fez carne e habitou entre nós... Da sua plenitude todos nós recebemos graça sobre graça".

De acordo com os textos bíblicos e também com a experiência dos grandes santos da Igreja,

uma das lições mais transparentes do Natal é a gratuidade. Deus se encarna como Graça, Dom, Gratuidade. Vem encontrar e salvar o que estava perdido. Vem dar cumprimento às Promessas antigas que fizera gratuitamente ao seu povo pela boca dos Profetas: “Eis que uma Virgem conceberá e dará à luz um Filho e lhe porão por nome Emanuel – Deus conosco”.

Essa lição maior do Natal traz um forte apelo para a Vida Religiosa atual. O mundo de hoje não se caracteriza precisamente pela gratuidade. Ao contrário. O afã de lucro, a luta pelo poder, a ânsia de consumismo e de prazer sem restrições vão tornando a sociedade cada vez mais competitiva e fechando as pessoas sobre si mesmas e seus interesses individuais. A ternura, a compaixão e a gratuidade são consideradas atitudes obsoletas. Os mandamentos da cartilha do novo sistema vigente são bem outros: – O mundo é dos ambiciosos e dos vencedores. O momento histórico não admite perdedores. A única ética possível é a do individualismo. – Para a VR não é difícil deixar-se enredar nas teias desse intrincado contexto sócio-cultural e acomodar-se às regras da globalização neoliberal, descaracterizando-se como seguimento apaixonado de Jesus Cristo e perdendo, por isso mesmo, o sentido da gratuidade. O costume, também antigo, e vigente ainda entre nós, de as pessoas se presentearrem mutuamente no Natal tem, sem dúvida, muito a ver com a alegria e a gratuidade próprias desta festa. Mas o consumismo exacerbado e que caracteriza o mundo pós-moderno, vem deturpando cada vez mais o sentido original desse gesto. A **comercialização da gratuidade** que ocorre no Natal torna-se cada vez mais um contra-senso e um contra testemunho.

Frente a tudo isso, a Vida Religiosa está chamada a reafirmar no seu dia a dia a

gratuidade, a beleza, a transparência e a jovialidade das celebrações do Natal. É preciso ter o coração despojado e a alma limpa para captar todo o magnetismo e todo o sabor simbólico desta festa cristã por excelência que é o Natal de Jesus Cristo. Para ser testemunhas vivas do inefável mistério do Filho de Deus feito homem para a glória da Trindade e a salvação de homens e mulheres de todos os tempos, sejam quais sejam a sua raça, religião, cultura, etnia, procedência geográfica e condição social. A reafirmação corajosa e profética dessa unidade em Cristo Jesus – “primogênito de muitos irmãos” -, para além de todas as diferenças que humilham, discriminam, dividem e excluem, permitirá que o Natal continue a ser celebrado nas nossas comunidades como a festa da gratuidade e do amor universal, como Boa Nova para a inteira humanidade.

Neste mês de dezembro, Convergência quer fazer chegar a todas as comunidades do Brasil os mais efusivos votos de um Natal de harmonia e paz, na gratuidade do serviço aos irmãos, e na certeza de que o Emanuel, o “Deus conosco” de todos os presépios vivos do mundo, caminha com seu povo, construindo história e semeando esperança.

Os artigos publicados neste número pretendem ser subsídio valioso para as comunidades na sua reflexão e oração, alentando-as a avançar com destemor e a gerar vida e esperança no mundo.

O artigo de Jaldemir Vitorio, sj, – “A Vida Religiosa Samaritana – uma leitura à luz de Lc 10, 25-37” – é um texto atual, sugestivo e questionador, em estreita sintonia com as celebrações de Advento e Natal em que estamos entrando. O autor, na introdução ao artigo, fala de um percurso em cinco passos. Ele mesmo nos explica esses passos, como a querer

conduzir-nos pela mão na leitura do texto: “Será feito o seguinte percurso: o primeiro passo consistirá em mostrar como a VR sofre um processo continuado de descaracterização, a ponto de se tornar sal sem sabor e fermento sem capacidade de fermentar, donde a urgência de se converter. O segundo passo mostrará como o mundo de hoje carece de testemunho evangélico. Os rumos seguidos pela história afastam-na sempre mais do projeto de Deus e do Reino, com graves conseqüências para as multidões postas à margem do sistema neoliberal e globalizado. A VR é chamada, aí, a dar um testemunho autêntico dos valores do Reino, na contramão de certos valores imperantes. O terceiro passo apresenta a VR diante de uma premente chamada à conversão, como condição para sobreviver, não como instituição, mas como projeto de vida evangélico, num mundo carente de testemunho profético. O quarto passo consiste numa leitura da parábola do bom Samaritano, na tentativa de mostrar-lhe a dinâmica interna e explicitar a mensagem nela contida, donde a VR deve aprender. O quinto passo corresponde à aplicação da parábola evangélica à VR, a partir dos grandes eixos de sentido nela contidos, buscando apontar os rumos do caminho evangélico a ser trilhado por religiosos e religiosas”. O texto é inspirado e inspirador. Tem mordência e uma boa fundamentação bíblico-teológica. Merece ser lido, estudado e partilhado nas comunidades com particular interesse.

Geraldo De Mori, sj, no seu artigo – “Alguns elementos para se compreender hoje a teologia da graça” – oferece às comunidades uma reflexão atual e bem fundamentada sobre a temática da Graça na teologia contemporânea. Dentro do contexto de Advento e Natal, o texto tem peculiar interesse. O próprio autor nos

apresenta, na introdução, os grandes eixos do artigo e o objetivo que nele persegue: “A teologia da graça resume, sem dúvida, grande parte do discurso teológico elaborado ao longo dos dois mil anos de cristianismo no Ocidente. Aparentemente ‘dissolvida’ nos atuais tratados de antropologia teológica, ou ‘disseminada’ na linguagem religiosa ainda marcada pela fé cristã, ela permanece de importância capital para se pensar hoje a existência cristã em geral, e a vida religiosa em particular. A reflexão que propomos aqui, retomará, em primeiro lugar e de forma sintética, alguns momentos importantes da história da teologia da graça. À luz dessa história, apresentaremos, em seguida, o processo que levou à ‘anexação’ dos antigos tratados da graça no discurso antropológico. Num terceiro momento, mostraremos as principais linhas da atual reflexão teológica sobre a graça”. Não cabe dúvida que a temática aqui apresentada por Gerado De Mori é de singular importância para uma vivência lúcida e corajosa do compromisso cristão hoje. É particularmente apta a suscitar nas comunidades interesse, reflexão e debate.

O artigo de Thomas Hughes, svd, – “Desafiadas a tecer uma nova espiritualidade que gere esperança e vida para todos e todas” – está diretamente orientado à Vida Religiosa feminina, mas seu conteúdo é válido para a Vida Religiosa na sua totalidade. Trata-se de uma conferência proferida pelo autor na Assembléia da UISG, (Roma), em 2007, e cedida por aquele Organismo para publicação. Como se expressa o autor logo na introdução: “O título do texto nos dá algumas coordenadas que podem orientar a nossa reflexão. Primeiramente, a palavra ‘Desafiadas’ – pois desafios não nascem dum vácuo, mas de situações concretas. O que é que nos desafia como religiosas/os hoje?

Parece-me haver uma dupla vertente – uma que jorra da natureza da VRC em si e outra que vem da situação real das grandes massas de humanidade, sofrendo e excluídas pelo modelo econômico dominante da sociedade neoliberal globalizada. Dessa natureza da VRC vertem mais desafios – como ser fiéis à nossa identidade profunda? Um outro termo chave no título é ‘tecer’. ‘Tecer’ implica criar algo usando diversos fios que se entrelaçam para formar um pano novo. Assim é preciso identificar elementos que não poderão faltar se quisermos realmente tecer um pano multicolor, uma nova espiritualidade, capaz de gerar Esperança e Vida para todos e todas, e que faça jus à complexidade da vida moderna”. As perspectivas que o artigo trata de abrir para o seguimento de Jesus hoje são atuais e desafiadoras. Religiosas e religiosos encontrarão no texto um bom subsídio para alimentar a sua reflexão e, sobretudo, o seu compromisso profético-transformador.

Flaviano Oliveira Fonseca, ofmcap, com o seu texto, – “Renascimento da ética como

bioética: fundamentos a partir de Hans Jonas” – objetiva oferecer às comunidades uma reflexão sobre algumas candentes questões do momento atual, no campo de bioética: “pretendemos em primeiro lugar, resgatar a noção de equilíbrio do corpo como estrutura orgânica viva, e demonstrar que a natureza é o lugar das trocas responsáveis por tal equilíbrio; em segundo lugar, apresentar a aceção jonasiana de equilíbrio enquanto sistema orgânico e, a partir daí, fazer uma alusão quanto ao que concerne à proximidade entre a filosofia, a medicina (*techne ietriké*) e a bioética; finalmente, pretendemos dizer que é possível encontrar no pensamento de Hans Jonas possibilidades de fundamentação para a bioética como um novo saber que urge ser resgatado na contemporaneidade”. Os desafios que o renascimento da ética como bioética traz para toda a humanidade são ingentes. A Vida Religiosa não pode omitir-se nessa hora histórica. Por isso o artigo de Frei Flaviano é oportuno e merece ser objeto de estudo e reflexão.



Palavra do Papa

Discurso do Santo Padre aos Chefes Religiosos na Aula Magna do Seminário Episcopal de Capodimonte

Domingo, 21 de outubro de 2007

*Santidade,
Beatitudes*

*Ilustres Autoridades representantes
das Igrejas e Comunidades eclesiais
Gentis representantes
das grandes Religiões mundiais!*

Aproveito de bom grado esta circunstância para saudar as Personalidades reunidas aqui em Nápoles para o XXI Encontro sobre o tema: *"Para um mundo sem violência. Religiões e culturas em diálogo"*. O que vós representais expressa num certo sentido os diferentes mundos e patrimônios religiosos da humanidade, para os quais a Igreja católica olha com sincero respeito e cordial atenção. Dirijo uma palavra de apreço ao Senhor Cardeal Crescenzo Sepe e à Arquidiocese de Nápoles que hospeda este Encontro e à Comunidade de Santo Egídio que trabalha com dedicação para favorecer o diálogo entre religiões e culturas no "espírito de Assis".

O encontro hodierno leva-nos idealmente a 1986, quando o meu venerado Predecessor João Paulo II convidou altos Representantes

religiosos a rezar pela paz na colina de São Francisco, ressaltando desta forma o vínculo intrínseco que une uma atitude religiosa autêntica com a viva sensibilidade por este bem fundamental da humanidade. Em 2002, depois dos dramáticos acontecimentos de 11 de setembro do ano precedente, João Paulo II voltou a convocar em Assis os Representantes religiosos, para implorar de Deus que impedisse os graves perigos que ameaçavam a humanidade, sobretudo por causa do terrorismo.

No respeito das diferenças das várias religiões, todos somos chamados a trabalhar pela paz e por um compromisso real para promover a reconciliação entre os povos. Este é o autêntico "espírito de Assis", que se opõe a qualquer forma de violência e ao abuso da religião como pretexto para a violência. Perante um mundo lacerado por conflitos, onde por vezes se justifica a violência em nome de Deus, é importante reafirmar que as religiões nunca se podem tornar veículos de ódio; nunca, invocando o nome de Deus, se pode chegar a justificar o

mal e a violência. Ao contrário, as religiões podem e devem oferecer recursos preciosos para construir uma humanidade pacífica, porque falam de paz ao coração do homem.

A Igreja católica pretende continuar a percorrer o caminho do diálogo para favorecer o entendimento entre as diversas culturas, tradições e sabedorias religiosas. Faço sentidos votos por que este espírito se difunda cada vez mais sobretudo onde são mais fortes as tensões, onde a liberdade e o respeito pelo outro são negados e homens e mulheres sofrem de-

vido às consequências da intolerância e da incompreensão.

Queridos amigos, estes dias de trabalho e de escuta orante sejam frutuosos para todos. Por isso, dirijo a minha oração ao Eterno Deus, para que derrame sobre cada um dos participantes no Encontro a abundância das suas bênçãos, da sua sabedoria e do seu amor. Ele liberte o coração dos homens de qualquer ódio e raiz de violência e nos torne a todos artífices da civilização do amor.

BENEDICTUS PP. XVI



1. CERNE

CENTRO DE RENOVAÇÃO ESPIRITUAL

30 anos a serviço da Vida Religiosa Consagrada

Data: 16 de setembro a 26 de outubro de 2007.

Local: Casa de Retiros Vila Fátima,
Morro das Pedras – Florianópolis – SC

Coordenação: Ir. Martha Verônica da Silva e
Ir. Izelba Maria Volpatto

Participantes: 40 religiosas e 03 religiosos
de 28 Congregações.

Procedência – Brasil:

- Rio Grande do Sul 11
- Santa Catarina 05
- Paraná 05
- São Paulo 05
- Minas Gerais 02
- Rio de Janeiro 01
- Mato Grosso do Sul 01
- Mato Grosso 02
- Rondônia 01
- Pará 02
- Maranhão 01
- Piauí 01
- Bahia 02
- Tocantins 01
- Outros Países: Uruguai, Chile e Bolívia
uma religiosa de cada País.

Através do CERNE, a CRB Nacional contempla uma das prioridades do Plano Trienal 2007 – 2010: Dinamizar a formação inicial e continuada diante da mudança de época, de forma integral, humanizante e geradora de novas relações.

Especificamente o CERNE quer:

- Oferecer às religiosas e religiosos, a partir de 15 anos de Profissão, a oportunidade de fazer uma releitura de sua vida consagrada em todas as suas dimensões e de sua missão, como protagonista e re-significando o seu seguimento de Jesus Cristo.
- Incentivar uma vivência fundamentada no amor salvífico de Deus, recriando suas próprias relações, rompendo com as estruturas pessoais que impedem a vida, valorizando as diferenças, descobrindo espaços de partilha de vida, fé e missão.
- Oportunizar pela vivência fraterna-sororal criativa a revitalização dos relacionamentos interpessoais, num clima de verdade, de confiança para um re-encantamento pela vida consagrada.

- Oferecer conteúdos atualizados que proporcionem um aprofundamento humano, teológico-espiritual, social para retomada com mais entusiasmo, coerência e novo vigor da vida, consagração e missão.
- Oportunizar a intensificação da vida de oração, com a ajuda do acompanhamento espiritual, para propiciar uma profunda experiência de Deus e o cultivo de uma mística enraizada na Palavra – Leitura Orante.

3. Momento específico da idade: características gerais, mudanças, sentimentos, crises, generatividade, novo nascimento, perdas e ganhos.

Dia 26 de setembro: Dia de deserto, síntese do conteúdo. Dia de Acompanhamento espiritual. O AE foi realizado todas as terças-feiras. Quatro religiosas e dois religiosos, de Florianópolis e cidades circunvizinhas, com muita dedicação e união prestaram este serviço à Vida Religiosa.

Dias 27 e 28 de setembro: Relações de Gênero – Ir. Delir Brunelli. Com metodologia participativa trabalhou o tema em aspectos an-

tropológicos, bíblicos, culturais, espirituais e educativos. As relações são marcadas pelo gênero e o que é aprendido torna-se natural. Por isso a necessidade de desconstruir para construir novas relações.

Dia 29 de setembro: Passeio Comunitário ao Parque Beto Carrero. O transporte foi um brinde do Colégio Catarinense da Congregação

Jesuíta. A eles nosso muito obrigado.

Dia 30 de setembro pela manhã – Partilha de atividades Apostólicas e a tarde foi livre.

Dia 01 e 02 de outubro: Análise de Conjuntura e desafios para a Vida Religiosa Consagrada. Pe. Domingos Dorigon ajudou a distinguir Estrutura e Conjuntura. Como funciona a política, a economia, a ideologia no sistema capitalista neoliberal e as consequências nas áreas social, cultural e religiosa. Na área eclesial destacou aspectos da Igreja Povo de Deus e da Igreja dos Movimentos. Pontuou aspectos

**As relações são
marcadas pelo gênero e
o que é aprendido
torna-se natural. Por
isso a necessidade de
desconstruir para
construir novas
relações.**

Cronograma e Assessoria

Dia 16 de setembro chegada dos Cemistas. A coordenação já estava na casa desde dia 14 preparando o ambiente para a acolhida dos e das participantes.

Dia 17 de setembro: Celebração de abertura, integração, apresentação dos objetivos do CERNE, organização de horários, equipes de serviços e reflexão sobre o Acompanhamento Espiritual.

De 17 a 25 de setembro: Psicologia da Vida Religiosa Consagrada e Crescimento Pessoal e Comunitário. Assessora Ir. Anyir Maria Mezzomo, Palotina

Integrando teoria e prática e a Experiência de Deus como fio condutor, desenvolveu o conteúdo em 03 módulos:

1. Auto-conhecimento, Crescimento pessoal e Relações
2. Relações na vida comunitária, Humanização da Vida Comunitária, Crescimento Grupal e Comunitário

positivos da V Conferência. Deixou-nos o desafio para sermos Vida Religiosa Samaritana no mundo de hoje.

De 03 a 06 de outubro: Jesus de Nazaré e a Espiritualidade do Seguimento/Maria Discípula. Ir. Mari Luzia Hammes, CF. Com simplicidade, sabedoria e autoridade partilhou sua experiência de vida no Seguimento de Jesus como Religiosa inserida entre os pobres e excluídos. A fonte da Espiritualidade é Jesus Cristo e o Evangelho. Os eixos são: – o seguimento de Jesus sendo profeta e profetisa; – deixar-se conduzir pelo Espírito Santo, tendo ouvido de Discípula/o; – olhar, sentir e agir com o coração de Deus; – ser pessoas de Esperança; – a mística e o serviço; o testemunho e a alegria.

Dia 08 e 09 de outubro: Leitura Orante. Ir. Mari Luzia Hammes ajudou na prática do método da Leitura Orante da Palavra, exercitando os 4 passos.

Dias 12 a 14 de outubro: Consagração e votos. Ir. Cleuza Andreatta, DP ajudou a perceber que estamos numa época em mudança. Nós mudamos e a Vida Religiosa mudou. A VR preci-

sa ser sinal neste mundo em mudança. A missão e a especificidade da VRC é sua dimensão testemunhal: sinalizar, manifestar, proclamar, participar do projeto amoroso de Deus. Ser sinal do Reino de Deus.

Os dias 15 e 16 de outubro foram dinamizados pela Ir. Lourdes Oro, SDS, membro da Diretoria Nacional. Abordou o tema Perspectivas e desafios para a VRC, dentro do Horizonte e Prioridades estabelecidos pela XXI Assembléia Geral Eletiva. Destacou projetos e trabalhos da Conferência no âmbito nacional, tendo em vista a animação da VRC.

Dia 17 de outubro foi dia de confraternização nos grupos de vivência. De 18 a 25 de outubro o retiro final, orientado pelo Pe. Carlos Sérgio Viana, SJ. O Tema – “Novas criaturas no Espírito – Ecopedagogia do Espírito de Deus”. Dia 25 à tarde síntese, avaliação e preparação do encerramento.

Dia 26 de outubro celebração de encerramento com a presença da CRB Regional de Florianópolis, Comunidades Religiosas de Florianópolis.

2. Plano de Evangelização Solidária na Amazônia

Todos os anos durante o mês de outubro somos convidadas/os a renovar nosso empenho pela missão e a retomarmos o impulso missionário do evangelho que nos envia: "Ide e evangelizai!" (Mc 16, 15).

O Plano de Evangelização Solidária na Amazônia, entre tantas outras iniciativas missionárias, assumido pela força da intercongregacionalidade e na co-responsabilidade missionária quer ser para VR no Brasil um espaço que possibilite as congregações e institutos a avançar na missionariedade.

Queremos partilhar com vocês o mais recente projeto assumido pelas Regionais do Nordeste.

Como gesto concreto de solidariedade com a Amazônia estas Regionais motivaram e formaram uma comunidade intercongregacional que será enviada em missão para a periferia de Boa Vista – Roraima.

Neste sentido nos dias 05 a 08 de outubro de 2007, as Irmãs Maria Couto, Assessora da Regional de Manaus, Ir. Maria Soares, Presidente da Regional de Fortaleza e Ir. Adriana de Amorim Fernandes, Assessora Executiva Nacional estiveram em Boa Vista para junto com Dom Roque Paloschi, bispo da Diocese de Roraima, refletir a presença e inserção da comunidade na realidade local.

A preparação das Irmãs que irão em missão, acontecerá em Fortaleza, através de uma semana de convivência e do retiro. A missa de envio está marcada para o dia 13 de dezembro, com a presença de toda a VR de Fortaleza. As irmãs participarão ainda do curso de realidade Amazônica que acontecerá em Manaus de 14 de janeiro a 02 de fevereiro de 2008. E logo depois nossas missionárias seguirão para

Roraima onde assumirão o trabalho na Diaconia Missionária em Boa Vista. Rezemos para que Deus as ilumine e confirme este nosso projeto.

Com coração cheio de alegria e gratidão queremos agradecer a Deus pela disponibilidade das Irmãs: Ana Maria de Oliveira – Servas da Sagrada Família, Margarete Maria Barreto de Araujo – Filhas do Coração Imaculado de Maria, Maria Aparecida Gois Mendes – Instituto Josefino, Antonia Anselma Lima – Filhas de Santa Teresa de Jesus e pela abertura de seus institutos e congregações que generosamente acolheram o apelo feito pelas Regionais do Nordeste, nos permitindo desta forma avançar na missão, confiantes de que Deus não nos abandona.

Aproveitamos a oportunidade para solicitar as Congregações e Institutos que queiram participar do Plano de Evangelização Solidária na Amazônia, que entre em contato conosco (crb@crbnacional.org.br). Precisamos e contamos com a generosa disponibilidade de religiosas e religiosos que com abertura e confiança queiram colaborar na missão. Contamos com a força e a ousadia da VR do Brasil para mantermos vivo, e quem sabe ampliarmos este projeto missionário!

"Que a Amazônia, berço acolhedor de tanta vida, seja também o chão da partilha fraterna, pátria solidária de povos e culturas, casa de muitos irmãos e irmãs."

Oração da CF 2007

Ir. Adriana de Amorim Fernandes, ISF
Assessora Executiva Nacional
Referencial para Plano de Evangelização
Solidária na Amazônia.

3. Seminário Inter – Regional da VRI e Solidária

Fortaleza, 01 a 04 de novembro de 2007

Diga a esta geração, avance!

Nós, 75 religiosas (os) da CRB do Nordeste (Salvador, Recife, Teresina, São Luís e Fortaleza) participantes do Seminário Inter – Regional da Vida Religiosa Inserida e Solidária nos reunimos para respigar a memória, celebrar o presente, sonhar a profecia e tecer história.

Num clima de alegria e esperança amassamos o pão, na construção de novas relações e inter – relações que dão sustento as nossas comunidades inseridas.

Respigamos a memória das nossas Regionais, no resgate criativo da caminhada da inserção. Momento este que confirmou, fortaleceu, animou nossa missão e mística do êxodo e da encarnação e confirmou nossa presença solidária junto aos empobrecidos e minorias.

Celebrando o presente contemplamos o rosto da VR no Nordeste, com seus desafios, confirmações e avanços pintando e tecendo uma colcha de retalho de múltiplas cores e símbolos.

Com os pés no chão da vida, descemos a nossa realidade com uma análise de conjuntura sócio - política e eclesial, que enfocou a moldura estrutural capitalista neoliberal e suas conseqüências na vida do povo; a realidade de silêncio e omissão da Igreja Institucional e a proposta de uma Igreja comunitária e profética na qual nos inserimos e buscamos viver uma eclesialidade de comunhão e participação.

Na Reflexão Teológica, sonhamos a utopia de uma VR discípula e seguidora de Jesus e dos pobres. Fomos convidadas (os) a organizar esperanças em novos espaços de Inserção e presença solidária numa dinâmica de inter-relações.

Num clima de festa e alegria, em meio a um lindo recital, fomos convocadas (os) pela jovem Raquel Santana, a resistir e avançar como o Violão, que resistiu a supremacia do piano e conquistou seu espaço.

Entusiasmadas(os), 'cheias /os de Deus', seguimos caminhada assumindo:

- Trabalhar a intercongregacionalidade na missão, num processo de inserção inculturada;
- Ampliar nosso engajamento e participação na sociedade civil (Movimentos Populares, Pastorais Sociais, ONG's, Conselhos, fóruns Redes e Parcerias)
- Inserir-se e atuar em Novos Espaços de presença solidária - pessoas em situação de Risco e vulnerabilidade social, Tráfico de Seres Humanos, Saúde Popular, Educação Pública e outros;
- Avançar na aproximação e compromisso com as Juventudes;
- Aprofundar a Mística da Encarnação e do Êxodo, fortalecendo as CEB's como espaço eclesial de fé e vida;

Encorajadas (os) pela Divina Ruah que nos convoca e envia as nossas 'Galiléias' para prosseguir seguindo as pegadas de Jesus de Nazaré e dos pobres assumindo como passos do processo de revitalização da VR inserida e solidária estes compromissos, abraçamos a todas e todos na alegria e esperança que emana do Deus que é VIDA em plenitude.

Participantes do Seminário da Vida Religiosa Inserida e Solidária do Nordeste.

A Vida Religiosa Samaritana – uma leitura à luz de Lc 10,25-37 –

PE. JALDEMIR VITÓRIO, SJ

A Vida Religiosa (VR) é continuamente interpelada a se converter. O convite do Senhor vem de muitas partes, confluindo num só apelo. Dois focos têm importância especial: o Evangelho e a humanidade sofredora. O Evangelho nos confronta com o testemunho de Jesus, em cujo seguimento estão os religiosos e as religiosas; o ser humano sofredor recorda-lhes a razão de ser da VR e a vocação de servidora da humanidade. A exigência de conversão torna-se premente quando, esquecendo-se do Evangelho, a VR olvida, também, estar a serviço da humanidade. E, assim, se fecha no espaço limitado das obras, quando não no espaço das relações mesquinhas e egoístas dos membros.

A volta ao Evangelho e à humanidade sofredora é uma urgência da VR carente de conversão. Este texto se propõe a reler a VR à luz da parábola do bom samaritano, na tentativa de descobrir as exigências evangélicas para se configurar nos dias de hoje. Assim, a VR estará em condições de dar ao mundo um testemunho profético de amor misericordioso, nos moldes requeridos pelo discipulado cristão.

Será feito o seguinte percurso: o primeiro passo consistirá em mostrar como a VR sofre

um processo continuado de descaracterização, a ponto de se tornar sal sem sabor e fermento sem capacidade de fermentar, donde a urgência de se converter. O segundo passo mostrará como o mundo de hoje carece de testemunho evangélico. Os rumos seguidos pela história afastam-na sempre mais do projeto de Deus e do Reino, com graves conseqüências para as multidões postas à margem do sistema neoliberal e globalizado. A VR é chamada, aí, a dar um testemunho autêntico dos valores do Reino, na contramão de certos valores imperantes. O terceiro passo apresenta a VR diante de uma premente chamada à conversão, como condição para sobreviver, não como instituição, mas como projeto de vida evangélico, num mundo carente de testemunho profético. O quarto passo consiste numa leitura da parábola do bom samaritano, na tentativa de mostrar-lhe a dinâmica interna e explicitar a mensagem nela contida, donde a VR deve aprender. O quinto passo corresponde à aplicação da parábola evangélica à VR, a partir dos grandes eixos de sentido nela contidos, buscando apontar os rumos do caminho evangélico a ser trilhado por religiosos e religiosas.

1. A VR descaracterizada

O desgaste histórico, sofrido ao longo dos anos, levou a VR a se tornar profética e evangelicamente deficitária. O processo de descaracterização aprofundou-se sempre mais. A dimensão institucional impôs-se sobre a dimensão carismático-espiritual, a ponto de levar os religiosos¹ a serem conhecidos pelos grandes conventos, colégios, hospitais e, até mesmo, as obras sociais. Eram de eficiência comprovada, de honestidade insuspeitada e de dedicação inquestionável. Entretanto, não conseguiam desvencilhar a própria imagem das grandes construções e dos edifícios monumentais.

Pouco a pouco, o peso institucional está sendo deixado de lado. A VR foi obrigada a ser desprezensável, tanto pelo decréscimo do número de membros, quanto pelo aumento de religiosos idosos. As vocações são raras ou de qualidade duvidosa. Grandes obras foram fechadas ou passadas adiante. É impossível mantê-las! Comunidades apostólicas numerosas são, cada vez mais, coisas do passado. A importância social vai se diluindo e os religiosos tornam-se cidadãos comuns, sem a distinção imposta pelos hábitos bizarros ou por eventuais privilégios. Perdem-se no anonimato das massas.

Existem congregações tentadas a retomar o modelo do passado. Querem re-implantar estruturas caducas e obsoletas, pensando, com isto, recuperar a identidade perdida. Enganam-

**O desgaste histórico,
sofrido ao longo dos
anos, levou a VR a se
tornar profética e
evangelicamente
deficitária.**

se ao reduzir a VR a esquemas exteriores, quando a expressão autêntica situa-se no nível da interioridade. O déficit profético aumenta quando os religiosos, pensando responder os desafios do momento, aderem aos movimentos da moda. A presença de religiosos, identificáveis pelos hábitos ou vestimentas singulares em liturgias ou encontros barulhentos e festivos, acabam por atrair vocações para a VR. Novas levadas, provenientes desses estratos eclesiais, introduzem na VR práticas inócuas, sem vigor evangélico. As tónicas de certos movimentos foram acolhidas por congregações inteiras, especialmente de fundação recente, como matrizes de espiritualidade. As esquisitices de certos religiosos depõem contra a seriedade da VR.

Outra vertente por onde se esvai o vigor evangélico da VR situa-se na adesão inconsiderada à modernidade, mormente, nas expressões contrárias aos valores do Reino. Muitos religiosos já não se preocupam por serem consumistas. Gastam sem discernimento. Importa-lhes andar na moda.

Os interesses e necessidades pautam-se pela propaganda. Ao consumismo, somem-se o hedonismo, o individualismo e esquemas afins, produtos da modernidade. Outro foco polarizador da atenção de não poucos religiosos é a chamada *high technology*. O prazer consiste em ostentar produtos *high tech* – telefones celulares, agendas eletrônicas, computadores de última geração, aparelhos eletrônicos etc. A última parafernália eletrônica é a “pérola” e o “tesouro” em cuja busca se lançam.

¹ Para livrar o texto do peso da chamada linguagem inclusiva, fica estabelecido que o termo “religiosos” refere-se, sempre, às religiosas e aos religiosos.

Carece também de vigor evangélico, quem perdeu o sentido da vocação e permanece na VR por conveniência; quem se tornou mero profissional, preocupado com a eficiência, mas desprovido de espiritualidade cristã; quem cumpre a missão recebida por mera formalidade e sem criatividade, recusando-se a se lançar de corpo e alma no que faz; quem não se importa com o destino da humanidade, pois se fecha num mundinho pequeno e se contenta com as coisas miúdas do cotidiano.

Portanto, são muitos os ralos por onde escorrem a espiritualidade e o carisma dos religiosos. Urge reconhecê-los e enfrentá-los, se se quer estancar a sangria profética e evangélica da VR.

Olhando sob o aspecto positivo, é perceptível o esforço de muitos religiosos para recuperar o filão profético e evangélico da vocação. Existem traços comuns nas variadas tentativas. Entre eles, uma conversão autêntica e sincera aos pobres. Recusam-se a ser cooptados pelo consumismo, optando por um estilo de vida pobre e despojado, na contramão do neoliberalismo. O espírito evangélico revela-se, igualmente, nos religiosos que optam por um projeto de vida comunitária, fundado na solidariedade, na transparência e no diálogo, com abertura para a realidade desafiadora. Comunidades abertas para acolher e prontas para ajudar quem as procura em busca de um sentido para a vida. A capacidade de abraçar as grandes causas da humanidade, onde a sorte dos pobres está em jogo, tem caracterizado a VR em busca de fidelidade à vocação.

**... são muitos os ralos
por onde escorrem a
espiritualidade e o
carisma dos religiosos.
Urge reconhecê-los e
enfrentá-los, se se quer
estancar a sangria
profética e evangélica
da VR.**

A veia profética da VR é recuperada na conversão sincera ao Evangelho e a Jesus Cristo, cujo projeto de vida consistiu em viver, com radicalidade, os valores do Reino, como serviço à humanidade, anunciado na pregação e vivido no dia-a-dia de Filho inteiramente fiel ao Pai. Sem mística cristã, a VR descaracteriza-se e fica inviabilizada.

A parábola do bom samaritano (Lc 10,25-37) oferece pistas para os religiosos que desejam viver a vocação com fidelidade e autenticidade. A VR samaritana pode exercer um excelente papel profético na atual quadra da humanidade.

2. Um mundo carente de profetismo evangélico

Vivemos um período tremendamente contraditório da história da humanidade. Os contrastes se multiplicam. O progresso técnico-científico, fruto de façanhas quase impensáveis do ser humano, convive com um acelerado processo de desumanização. A máquina tem mais valor que o ser humano. O avanço da medicina e da farmacologia permite ao ser humano ter vida mais longa e de melhor qualidade. Porém, a cultura da morte avança a passos rápidos. Guerras, homicídios, abortos são algumas das muitas formas de ceifar, de maneira impiedosa, milhões de vidas humanas. A consciência ecológica impõe-se, diante das ameaças sofridas pelo Planeta Terra. Por todas as partes há pessoas que se mobilizam para “salvar o planeta”.

Enquanto isso, o meio-ambiente é agredido sem piedade; as florestas são dizimadas; os rios, poluídos; a poluição do ar provoca o aquecimento global, com perspectivas futuras de terríveis catástrofes. Se, por um lado, cresce o clamor pela paz mundial e o desejo de os povos encontrarem um caminho de entendimento, por outro, multiplicam-se os fanatismos, os fundamentalismos e os conflitos étnicos.

O neoliberalismo reina impávido, apesar dos protestos pelo mundo a fora. O mercado e o lucro receberam a auréola de divindades. Não podem ser contrariados! Antes, exigem submissão. Para ter educação de qualidade, usufruir de previdência social eficaz, desfrutar de lazer, morar dignamente e ter acesso à tecnologia de ponta só é possível para quem está disposto a pagar e garantir o lucro das empresas. Com o desaparecimento do socialismo, o Estado parece ter abdicado da função de garantir bem-estar aos cidadãos, mormente, as faixas sociais mais carentes. Ou seja, o Estado voltado para o bem-estar social encolhe-se sempre mais. Quando se fala em programas sociais, como é o caso do Brasil, há que se perguntar se, em última aná-

Se, por um lado, cresce o clamor pela paz mundial e o desejo de os povos encontrarem um caminho de entendimento, por outro, multiplicam-se os fanatismos, os fundamentalismos e os conflitos étnicos.

lise, o objetivo visado consiste em possibilitar às populações marginalizadas ingressarem no mundo do mercado. Com dinheiro na mão, estão em condições de comprar e consumir. Assim, garantem o lucro das grandes empresas.

A globalização, com tudo o que tem de positivo, possui também aspectos sombrios. Bondade e maldade, em todas as versões, acontecem em escala mundial. A solidariedade, nos casos de catástrofes, movimenta milhões de pessoas,

pois é possível, em tempo real, acompanhar os fatos em detalhes e fazer gestos concretos. Porém, a cibernética e os recursos da tecnologia possibilitam ao terrorismo espalhar-se qual erva daninha, sem controle, provocando pânico em pessoas indefesas. Enquanto campanhas humanitárias de defesa dos direitos e da dignidade do ser humano são abraçadas por pessoas das mais diferentes raças e nações, a pedofilia, o comércio de órgãos, o tráfico humano e outras espécies de crimes alastram-se sem perspectivas de serem controlados.

A modernidade moderna é, também, contraditória. Valorizou o indivíduo, a ponto de dar origem ao individualismo. Possibilitou uma visão positiva e otimista do corpo e da sexualidade, mas foi incapaz de evitar o hedonismo e a coisificação do ser humano. Descortinou um vasto horizonte de acesso aos bens deste mundo, porém, deu origem ao fenômeno do consumismo, onde as pessoas são identificadas pelo que consomem, muitas vezes, respondendo a falsas necessidades. O narcisismo tem uma versão moderna, incentivado pelo culto do corpo, pelos padrões de beleza encarnados nas *top-models*, pela indústria de cosméticos e pelas revistas de futilidades.

Em jogo está a humanidade e, com ela, o projeto cristão. Os cristãos são afetados de cheio em sua fé. Os valores cultivados na sociedade, muitas vezes, vão na contramão do que crêem. O individualismo contrasta-se com o ideal do amor e da fraternidade, fundamentais para a fé. O hedonismo desconhece os ensinamentos evangélicos sobre a doação, o sacrifício e a

entrega em favor do semelhante. O consumismo egoísta nada tem a ver com o ideal de partilha e solidariedade, tão peculiares ao Evangelho. Portanto, não é possível professar a fé evangélica e, ao mesmo tempo, cultivar certos valores da modernidade, no que têm de anti-evangélico. Há quem seja incapaz de fazer uma opção evangélica radical e, mesmo assim, continua a se proclamar cristão. Entretanto, quem tiver a coragem de dar o passo realmente evangélico, deverá estar preparado para sofrer as conseqüências e pagar um alto preço.

No âmbito do cristianismo, vivemos um momento especial. Calaram-se – ou foram caladas? – as vozes proféticas.

É perceptível a volta de uma disciplina eclesial rígida, dogmática, clerical e conservadora. O nome de Jesus é invocado para fins proselitistas, em mega eventos com cara de *shows business*. A fé cristã se expressa, cada vez menos, como solidariedade com os mais pobres, preocupação com a justiça e luta para fazer acontecer o mundo querido por Deus. O Cristo pobre e amigo dos pobres foi transformado no milagreiro, pronto a recompensar a quem paga em dia o dízimo. A volta do Sagrado, contradizendo quem apregoava a morte de Deus, acontece na direção oposta ao Evangelho.

**A fé cristã se expressa,
cada vez menos, como
solidariedade com os
mais pobres,
preocupação com a
justiça e luta para fazer
acontecer o mundo
querido por Deus.**

3. A VR chamada à conversão

A VR está inserida na história e é filha de seu tempo. Só pessoas muito ingênuas cultivam a ilusão da VR como *fuga mundi* ou

caminho de perfeição, como acontecia no passado. O bem e o mal da modernidade e da globalização entraram pelas portas dos conventos, dos mosteiros e das comunidades religiosas. Não há quem consiga manter-se imune, nem mesmo quem optou por se inserir nos meios populares, convencido de ser aí o lugar evangélico privilegiado de viver a VR.

A exigência evangélica da vigilância torna-se premente. Com muita facilidade, o individualismo enfraquece a vida comunitária e transforma os religiosos em verdadeiras ilhas, insensíveis às carências dos irmãos. O narcisismo fá-los olhar continuamente para si

mesmo e a se preocuparem, para além do necessário, com o corpo e a aparência. O consumismo leva-os a descurem o voto de pobreza ao fasciná-los com a propaganda e ao colocar-lhes no coração um desejo insaciável de ter. O hedonismo enfraquece o ardor missionário, a ponto de impedi-los de abraçar as missões mais exigentes, onde o despojamento é um imperativo.

A VR, uma vez mais, é chamada a se adequar ao ideal evangélico. Este movimento só será possível para os religiosos e as religiosas que passarem por um processo de conversão, para redescobrir os fundamentos evangélicos da VR, em sintonia com os ensinamentos de Jesus. O caminho consiste na contemplação do Evangelho para descobrir nele o espírito de Jesus e aplicá-lo ao projeto de vida cristã, articulado pela VR. Sem conversão ao Evangelho, a VR será sal sem sabor, luz colocada em baixo do caixote e fermento sem capacidade de fermentar. Perderá a razão de ser!

A VR convertida tem um papel importante a desempenhar, na linha do testemunho profético. Num mundo carente de vozes proféticas, a presença de religiosos e religiosas deveras evangélicos será importante para recordar valores fundamentais em contexto de humanização e, assim, apontar saída para a situação dilemática em que a humanidade se encontra. Evidentemente, trata-se, aqui, da conversão dos religiosos e religiosas. Seria ingênuo esperar a conversão das estruturas da VR, de alto a baixo, como num passe de mágica ou por ordens superiores. Todavia, é possível nutrir no coração a esperança de ver a VR renovando-se, com ardor profético, a partir das bases. Cada religioso, ciente da responsabilidade de cristão, sente-se na obrigação de dar testemunho credível da fé, por uma vivência coerente do discipulado. Quando isto acontece, só poderá ser em moldes proféticos e evangélicos.

A parábola do bom samaritano (Lc 10,25-37) oferece um referencial seguro para a re-configuração da VR, nos termos exigidos pelo momento atual. Ao descrever o itinerário de Jesus, servidor da humanidade, apresenta um projeto de vida a ser abraçado pelo discípulo desejoso de ser fiel à vocação. A vivência radical da mensagem evangélica, sem dúvida, tem um forte componente profético. É mister voltar ao texto bíblico e, nas entrelinhas, encontrar uma palavra do Mestre para os religiosos e as religiosas de hoje.

4. "Vai e faz o mesmo" (Lc 10,37) – modelo profético de ação evangélica

Uma leitura atenta do texto evangélico permite-nos desentranhar uma riqueza de mensagens, escondida por trás das palavras. Mais que uma exegese minuciosa, trata-se de fazer uma espécie de leitura orante da parábola lucana, na tentativa de captar-lhe a dinâmica interna, de modo a ser possível explicitar-lhe os grandes eixos, onde se concentram os apelos evangélicos para a VR.

O contexto

Trata-se de uma conversa, não necessariamente amigável, entre Jesus e um mestre da Lei (Lc 10,25a). Ou seja, um rabino, um especialista em coisas da religião. O diálogo tinha o objetivo colocar Jesus à prova. Para conhecer-lhe o modo de interpretar a Lei? Para saber com que escola rabínica se identificava? Para ter motivos para acusá-lo diante do

sinédrio, o tribunal da época? Não se sabe! Sabe-se apenas que não se aproximou de Jesus com o coração aberto, disposto ao diálogo e ao aprendizado. Tinha segundas intenções.

A questão colocada parecia desnecessária para quem era doutor em teologia (Lc 10,25b). Afinal, a tarefa primordial do rabino consistia em interpretar a Lei, para descobrir nas

Num mundo carente de vozes proféticas, a presença de religiosos e religiosas deveras evangélicos será importante para recordar valores fundamentais em contexto de humanização e, assim, apontar saída para a situação dilemática em que a humanidade se encontra.

Evidentemente, trata-se, aqui, da conversão dos religiosos e religiosas.

entrelinhas a Palavra de Deus que, posta em ação, tinha a força de criar comunhão do fiel com Deus. Iniciava-se, aí, a vida a ser consumada na eternidade. Como era possível um rabino ensinar aos outros sem saber o que ele mesmo devia “fazer para herdar a vida eterna”?

O tema da práxis, a partir da questão do mestre da Lei, perpassará toda a narrativa. O verbo fazer ocorre na pergunta do mestre da Lei (v. 25) e nos dois imperativos de Jesus (v. 28 e 37). A Lei é pensada em função da ação. A vida eterna constrói-se como prática histórica. O culto e o conhecimento

teórico da Lei são incapazes de produzir salvação. Sem engajamento histórico não se chega à comunhão com Deus.

Jesus responde com outra pergunta (Lc 10,26). Bem sabia que o rabino já conhecia a resposta para a própria pergunta. Afinal, o contato diário e intenso com o texto sagrado em função do ensino na sinagoga e na escola rabínica permitia-lhe conhecer, de cor e salteado, a Lei de Moisés. Embora a Lei estivesse formulada numa variedade de prescrições, com boa-vontade, era possível distinguir o essencial do secundário. Daí ter acertado ao se referir ao mandamento do amor a Deus e ao próximo como o resumo das exigências divinas em vista da salvação (Lc 10,27). A pureza da fé e o humanismo embutidos no livro do Deuteronômio, citado pelo mestre da Lei, eram claramente perceptíveis. Este livro continha as determinações básicas da fé judaica. Mas, o trabalho de interpretação rabínica em busca de novos sentidos multiplicou os mandamentos a serem postos em prática pelos judeus fiéis. No tempo de Jesus, eram 613 os mandamentos aos

quais tinham que se submeter. Daí se perguntar pelo “maior mandamento”, o mandamento fundamental (Mc 12,28; Mt 22,36). O judaísmo anterior a Jesus já havia percebido a centralidade do mandamento do amor a Deus e ao próximo, no conjunto das variadas leis. Isto

facilitou também a resposta do mestre da Lei.

Em relação a Deus, o Deuteronômio insiste na importância de “amar o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças” (Dt 6,5). Cada dia, o fiel recordava-se desta prescrição de modo a jamais centrar o coração senão em

Deus. O mandamento precava toda sorte de idolatria, onde a criatura toma o lugar do Criador. O coração do autêntico fiel está todo centrado no Deus verdadeiro e o ouvido, voltado para escutar-lhe a Palavra, com a disposição de pô-la em prática.

Em relação ao próximo, embora a citação do mestre da Lei seja uma referência a Lv 19,18 – “Amarás o próximo como a ti mesmo” – é no Deuteronômio que esse próximo recebe uma identidade: o pobre, o órfão, a viúva, o estrangeiro, o desamparado, o marginalizado, o sem voz e sem vez, o deserdado. Um pequeno texto, escolhido entre muitos, ilustra um tema constante no Deuteronômio: Dt 24,17-22.

O mestre foi preciso em apontar o núcleo da Lei tão bem conhecida por ele. Restou a Jesus, apenas, dizer-lhe: “Faze isso e viverás” (Lc 10,28). Em outras palavras, “Ponha em prática o que você disse e, como resultado, terá a desejada vida eterna”. “Viva o que você ensina e haverá de experimentar a comunhão com Deus”. A conversa podia ser dada por encerrada.

O coração do autêntico fiel está todo centrado no Deus verdadeiro e o ouvido, voltado para escutar-lhe a Palavra, com a disposição de pô-la em prática.

Imaginemo-nos diante de Jesus, religiosos e religiosas, cheios de sinceridade, desejosos de acertar na caminhada. Carregados de incertezas, apesar da vida de oração, de meditação constante da Palavra de Deus, do discernimento dos sinais dos tempos, do anseio autêntico de estar a serviço dos empobrecidos e de sermos fiéis à vocação. Que questões haveríamos de apresentar ao Mestre? Muitas, sem dúvida! "Mestre, que devemos fazer para...?" Alguns temas, certamente, estariam presentes: que fazer para refundar a VR? Que fazer para atrair os jovens? Que fazer para viver com radicalidade a vocação de servidores dos pobres? Que fazer para sermos mais fiéis à vocação? Que fazer para enfrentar os desafios da modernidade? Que fazer para dar um testemunho credível? Que fazer para superar a falta de humanidade? Que fazer para retomar o caminho de fé autenticamente evangélica? Que fazer para...? Que fazer para...?

Jesus haveria de nos dizer: "Que está 'escrito' nas Constituições de vocês, nos documentos congregacionais, nos textos produzidos pela Conferência dos Religiosos, nos documentos da Igreja, em tantos livros cheios de inspiração? Afinal, o que está escrito nos Evangelhos? Como vocês lêem?"

Com toda certeza, não teríamos a menor dificuldade em responder corretamente, pois todos sabemos, muito bem, o que Deus espera de nós. E o Senhor nos responderia: "Façam isto e vocês alcançarão o que desejam!" Portanto, não é questão de saber, mas de viver; de conhecer, mas de agir; de teorias, mas de prática. Só religiosos muito ingênuos haveriam de responder: "Não sei!" O processo de formação inicial e permanente na VR é suficiente para

O processo de formação inicial e permanente na VR é suficiente para nos abrir os olhos em relação ao que Deus espera de nós.

nos abrir os olhos em relação ao que Deus espera de nós. Quiçá não estejamos bastante dispostos a colocá-lo em prática ou não acreditemos valer a pena o esforço de remar contra a maré. Porém, jamais poderemos alegar desconhecer o projeto divino para a VR.

A parábola

O mestre da Lei, "querendo justificar-se", ou seja, não querendo fazer papel de bobo, por ter perguntado o que já sabia, retoma o diálogo com a questão: "E quem é o meu próximo?" (Lc 10,29) Que questão levantaríamos para nos justificar diante do Senhor? Imaginemos Jesus contando-nos a mesma parábola narrada para o mestre da Lei. Que ensinamentos poderíamos colher? Como seria a VR samaritana, caminho de vida, querida por Jesus, como resposta aos desafios da atualidade?

Uma leitura atenta do texto evangélico pode

nos ajudar a descobrir as expectativas do Senhor em relação à VR, isto é, o que espera de cada um de nós:

– "Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos de assaltantes" (Lc 10, 30a). A história é contada na perspectiva do homem caído, na perspectiva da vítima e não

do samaritano. O desconhecido perpassa toda a história. Tudo se define em relação a ele. A forma de responder à interpelação que parte dele determina os rumos da vida eterna, da relação definitiva entre o ser humano e Deus. Embora sem dizer uma só palavra, o estado deplorável torna-se um apelo pungente por misericórdia. É a situação do homem que grita. Quem se dispuser a entrar em comunhão com ele, também estará em comunhão com Deus.

A parábola parte do contraste entre a relação do ser humano com Deus e com os demais seres humanos. Jerusalém, no imaginário judaico, era o lugar da habitação de Deus. Portanto, ir à Cidade Santa significava ir ao encontro de Deus, para estar em comunhão com ele; para escutar-lhe a Palavra; para ser perdoado das faltas e poder retomar a vida com paz no coração. Descer de Jerusalém para Jericó significava voltar ao cotidiano, reconfortado pelo Senhor. Entretanto, das mãos amorosas de Deus, o indivíduo passa às mãos malvadas dos assaltantes. A experiência de comunhão é sucedida por uma experiência de egoísmo e violência. A certeza de gozar da proteção de Deus não tornou o homem menos frágil, quando se defrontou com a crueldade do semelhante.

– “Estes lhe arrancaram tudo, espancaram-no e foram-se embora, deixando-o quase morto” (Lc 10, 30b). O indivíduo fica completamente despedido. Detalhe importante na parábola! Pela roupa é possível identificar uma pessoa e, a partir daí, tomar posição em relação a ela. Alguém maltrapilho e malcheiroso, caído no chão, causa pouca impressão e muitas desculpas para não socorrê-lo. É um mendigo! É um cachaceiro! Pelo contrário, uma pessoa bem vestida, caída no chão, logo atrai a atenção dos transeuntes, prontos a buscar socorro. Apresentando um ser humano nu, a parábola confronta o leitor com o ser humano como tal, sem nenhuma adjetivação. Este se tornará o outro interpelante.

O “ser humano” caído no caminho não está apenas nu. Encontra-se, também, coberto de feridas e semimorto. Parecia um cadáver, mas não era. Portanto, carente de ajuda para

recuperar a vida plena. Se estivesse morto, seria a questão de encontrar quem fizesse a boa obra de sepultá-lo. Era preciso muito mais. Só quem se aproximasse dele poderia avaliar, corretamente, a situação. Olhares distantes seriam insuficientes para perceber a real necessidade daquele homem.

– “Por acaso, um sacerdote descia por aquele caminho. Quando viu o homem, seguiu adiante pelo outro lado!” (Lc 10, 31). Também o sacerdote “descia de Jerusalém para Jericó”. A função sacerdotal colocava-o em contato direto com Deus. Tinha o privilégio de entrar no Santo dos Santos, sacrário e coração do Templo, lugar santíssimo de manifestação da presença divina. Por profissão, conhecia bem a Lei de Deus, a cujo serviço estava. E, nela, a exigência de humanidade no trato com o semelhante. Nada disto o moveu a vir em socorro do homem semimorto, caído no caminho. A comunhão com Deus era impotente para movê-lo à comunhão com o semelhante em extrema necessidade. Daí ter se desviado do ser humano necessitado, passando pelo lado oposto, ao vê-lo caído no ca-

minho. Viu-o, porém, não se deixou afetar. O amor a Deus foi incapaz de se expressar como amor ao próximo, complemento obrigatório da piedade. Quem se julgava estar muito unido a Deus, na realidade, estava muito distante do irmão sofredor. A fé desconectou-se da ética.

A reflexão pode ser feita também por outro viés.

A função sacerdotal exigia estrita observância da lei da pureza ritual. Uma delas dizia respeito ao contato com cadáveres (Nm 19,11-16). Os sacerdotes, porém, lidavam com portadores de doenças, a quem deviam analisar e declarar a cura, de modo a poderem

**A certeza de gozar da
proteção de Deus não
tornou o homem menos
frágil, quando se
defrontou com a
crueldade do
semelhante.**

retomar a vida normal (Lv 12-15). O evangelho diz que o homem estava semimorto. Se o sacerdote se aproximasse dele e o analisasse, logo veria não se tratar de um cadáver. Portanto, o legalismo falou mais forte que a lei da vida no coração do sacerdote. Invocando a lei da pureza, sentiu-se dispensado de acudir o outro necessitado. A obediência ritual superou o apelo moral.

– “O mesmo aconteceu com um levita: chegou ao lugar, viu o homem e seguiu adiante, pelo outro lado” (Lc 10,32). O levita estava a serviço do templo e da religião, a exemplo dos sacristões de outrora. A vida resumia-se às coisas de Deus. Como o sacerdote, conhecia bem as exigências da Lei. Porém, como o sacerdote, passou pelo outro lado da estrada, sem se aproximar do homem caído no caminho. E seguiu adiante, embora tenha visto um ser humano carente de ajuda.

– “Mas um samaritano, que estava viajando, chegou perto dele, viu-o e moveu-se de compaixão” (Lc 10,33). Ninguém esperaria um samaritano naquele lugar. Porém, ele está lá e sua presença cria um contraste evidente com o sacerdote e o levita. Após a alusão a duas pessoas consideradas muito próximas de Deus, segue alguém desprezado pelos judeus; por conseguinte, tido na conta de afastado de Deus e sem lugar no seu coração. A duas pessoas que saem da Cidade Santa e do serviço divino, segue um viajante, às voltas com preocupações “profanas”. A duas pessoas que se deparam com um irmão de raça caído no chão, segue alguém que se defronta com alguém a ser considerado

como “inimigo”, cuja morte haveria de desejar. A desavença entre judeus e samaritanos vinha de longa data. Os evangelhos contém muitas referências a tal conflito (Lc 9,51-56; Jo 4,9; 8,48). Na parábola, o samaritano é o antítipo perfeito dos servidores do templo.

É impossível ser afetado pelo outro sem proximidade. Enquanto o sacerdote e o levita se desviaram do homem caído no chão, o samaritano achegou-se. A proximidade física permitiu-o vê-lo de fato. Portanto, o ver do sacerdote e do levita foram qualitativamente distintos do ver do samaritano.

Mais contrastante foi a atitude do samaritano: chegou perto – viu – foi movido de compaixão. É a dinâmica da misericórdia! Tudo começa com o aproximar-se. É impossível ser afetado pelo outro sem proximidade. Enquanto o sacerdote e o levita se desviaram do homem caído no chão, o samaritano achegou-se. A proximidade física permitiu-o vê-lo de fato. Portanto, o ver do sacerdote e do levita foram qualitativamente distintos do ver do samaritano. A qualidade deste olhar provém da compaixão subjacente. O verbo grego, usado para falar do sentimento do samaritano,

é de difícil tradução para o português. É quase impossível recuperar a riqueza de sentido embutida nele. Refere-se a algo muito profundo, que vem das entranhas, do mais profundo do ser humano. Aí, tem origem o afeto pelo outro. Trata-se, pois, de uma experiência brotada no mais íntimo do coração, muito diferente das experiências superficiais de piedade, dó ou comiseração pelo outro. A voz passiva do verbo deixa entrever que o samaritano foi tocado por algo fora de si mesmo. A misericórdia brota-lhe de dentro, quando rompe os limites do eu e é interpelado pelo rosto do outro. Provém do homem semimorto caído na estrada. O rosto do outro sofredor o afetou, a ponto de movê-lo a

agir. A verdadeira misericórdia se expressa como ação, para além das boas intenções. Tocado interiormente, o samaritano foi levado a exteriorizar por gestos concretos o sentimento brotado nas entranhas.

– “Aproximou-se dele e tratou-lhe as feridas, derramando nelas óleo e vinho. Depois o colocou em seu próprio animal e o levou a uma pensão e cuidou dele. No dia seguinte, pegou dois denários e entregou-os ao dono da pensão, recomendando: “Toma conta dele! Quando eu voltar, pagarei o que tiveres gasto a mais” (Lc 10,34-35). O samaritano realiza uma série de ações no sentido de tornar radical a misericórdia em relação ao homem semimorto, caído na estrada. De saída, foi desafiado a deixar de lado o projeto pessoal, que o fez passar por aquele caminho. O outro necessitado mudou-lhe completamente a agenda e o rumo. O caminho seria, agora, determinado pelo outro. E o outro exige partilha, a começar pelo tempo e a atenção misericordiosa. Depois a partilha dos bens: o óleo e o vinho, acessórios

fundamentais para quem viajava pelas estradas da Judéia, região seca e árida; o animal, meio de transporte, posto à disposição do outro, obrigou-o a caminhar a pé; o dinheiro, necessário para a manutenção na viagem. Tudo quanto o samaritano era e possuía foi colocado a serviço do próximo. De forma alguma, pensou em si. Quando já podia ter dado por cumprida a missão de cuidar do outro, pois gozava dos cuidados necessários, e podendo continuar a viagem, comprometeu-se a voltar para saldar eventuais débitos do hóspede confiado ao dono da pensão. Que mais poderia ter feito?

A parábola não deixa espaço para complementos, pois fez tudo quanto se poderia esperar de alguém, deveras, solidário com o outro.

A conclusão da parábola

Apresentada uma situação concreta, Jesus relança a questão para o mestre da Lei: “Na tua opinião, qual dos três foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?” (Lc 10,36). A resposta veio imediata: “Aquele que usou de misericórdia para com ele!” (Lc 10,37a). O mestre da Lei não disse: “Foi o samaritano”, como era de se esperar. Estaria escondido aí

um certo preconceito, que o impedia de dizer o nome do inimigo, ou, simplesmente, identifica-o pela ação e não pela condição sócio-religiosa de samaritano?

A resposta à pergunta evangélica, de certo modo, impõe-se ao interlocutor. Não é possível escolher o próximo. Este, na perspectiva de Jesus, irrompe no caminho das pessoas, sem aviso prévio, na condição de vítima, do outro sofredor,

carente de socorro. Quem é capaz de romper esquemas e se transformar em servidor, com total generosidade, faz a experiência de próximo, no sentido do discipulado cristão. Por conseguinte, próximo tem um sentido bem preciso. Não é qualquer pessoa! É o outro necessitado de ajuda. Por outro lado, só quem tem uma correta imagem de Deus, terá uma correta imagem de próximo. O déficit ético do sacerdote e do levita deveu-se ao déficit teológico. Já o samaritano, embora considerado deficitário, em termos teológicos, mostrou, por gestos concretos, a falsidade desta avaliação. Afinal de

**Quem é capaz de
romper esquemas e se
transformar em
servidor, com total
generosidade, faz a
experiência de próximo,
no sentido do
discipulado cristão.**

contas, possuía uma fé verdadeira, expressa em atitudes éticas de elevado padrão de misericórdia.

Jesus concluiu o diálogo: “Vai e faz tu a mesma coisa” (Lc 10,37a). Portanto, o caminho da vida eterna passa pelo outro necessitado de ajuda, caído na estrada, interpelação pungente à espera de resposta. O contato com as coisas do Templo, casa de Deus, como era o caso do sacerdote e do levita, nem mesmo com a Lei, como era o caso do mestre da Lei, podem trazer vida eterna. O caminho para Deus confronta o fiel com o semelhante. Não as pessoas queridas, os familiares e os amigos, e, sim, o ser humano desnudo, maltratado, semimorto, jogado pelas estradas do mundo, vítima do egoísmo e da violência. Basta caminhar com atenção para se defrontar com ele. Não é preciso buscá-lo por caminhos desconhecidos ou inacessíveis, pois se deixa encontrar quando menos se espera. O caminho do outro haveria de ser para o mestre da Lei um caminho seguro para a vida eterna.

5. A VR de inspiração samaritana

E a VR, que lições pode tirar da parábola evangélica, úteis para iluminar-lhe a caminhada, nesta quadra da história tão cheia de incertezas e de questionamentos? Quais são os ensinamentos do Mestre Jesus, em tempos de modernidade e de globalização, quando a VR tenta redescobrir a identidade, no desejo de voltar às raízes evangélicas da vocação? Com

que desafios nós, religiosos e religiosas, nos defrontamos ao escutar a história do bom samaritano?

Na tentativa de se configurar com o Evangelho e ter uma feição samaritana, a VR é chamada a se articular a partir dos seguintes eixos:

Ao desprezar valores da modernidade, contrários ao evangelho, a VR está condenada à marginalização.

— *A VR samaritana nasce das margens.* Ao apresentar um exemplo de amor misericordioso, Jesus recorreu a um samaritano, excluído da religião judaica. Não era um pobre, no sentido econômico, mas um marginalizado.

Este foi capaz de ver o rosto do outro, ao contrário do sacerdote e do levita, importantes no esquema religioso da época, por serem associados ao templo, coração do judaísmo. Com grande probabilidade, a VR foi perdendo a capacidade de ser misericordiosa ao passar da periferia para o centro; ao ter reconhecimento social e eclesial; ao se sentir segura com suas instituições. Identificada com o sacerdote e o levita, perdeu a capacidade de fazer gestos proféticos e evangélicos de solidariedade e misericórdia. Desumanizou-se! O desafio consiste em aceitar pôr-se no lugar do samaritano, dos marginalizados, dos desprezados, dos não bem-vistos. A tradição chamá-lo-á de bom, “bom samaritano”, pois, a parábola não traz o adjetivo, por estar centrada, sobretudo, no ato, “a boa ação de misericórdia”.

Neste sentido, a VR tem, hoje, grandes chances. Ao desprezar valores da modernidade, contrários ao evangelho, a VR está condenada à marginalização. Que impressão podem causar os votos religiosos? Que importância tem abraçar um projeto de vida voltado para o outro? Não parece insensatez deixar de lado um futuro promissor e se ligar a instituições consideradas caducas e em fase de extinção? A VR,

posta de lado pela sociedade moderna, exige dos membros aceitar uma certa forma de marginalização. Porém, esta nova situação possibilita um estilo de vida evangélico, conformado com o projeto de Jesus e no seguimento de Jesus. Afinal, o samaritano expressa, de forma metafórica, a experiência de Jesus. Jesus é o bom samaritano! Colocado à margem da sociedade religiosa da época, estava em condições de se fazer solidário com a humanidade sofredora.

– *A VR organiza-se a partir da humanidade sofredora e interpelante.* Nas origens da VR, na sua versão moderna, esteve o apelo dos sofredores: doentes, pobres, menores abandonados, vítimas de guerras, perseguidos, migrantes e tantos outros seres humanos, desfigurados pela maldade e pelo egoísmo alheio. As histórias das congregações começam sempre com a abnegação de cristãos e cristãs que, interpelados pelo outro necessitado, deixam tudo

e, em extrema pobreza, se tornam servidores misericordiosos do próximo caído nas estradas da história. Entretanto, com o passar do tempo, as congregações se desfiguram. E os religiosos se tornam administradores de grandes obras – hospitais, escolas, universidades, obras sociais – criadas para servir aos pobres. Porém, no centro das atenções estão questões administrativas e burocráticas. Os pobres passam a segundo plano. Pagam-se pessoas para cuidar deles. E os religiosos vão cuidar dos funcionários. A lei da filantropia criou uma nova situação: os religiosos vivem assustados diante do Estado. “Que faremos se nos caçam o título de

entidade filantrópica?” Daí a preocupação quase histórica com notas fiscais, recibos, prestações de conta e um sem-número de papéis. Com isto, a humanidade sofredora fica ainda mais longe dos nossos olhos.

O Mestre Jesus apela aos religiosos para que se desfaçam desta parafernália e retomem o caminho onde encontrarão os irmãos e irmãs sofredores, a quem são chamados a servir. Sem o confronto direto com o rosto do outro, que desencadeie a dinâmica da misericórdia, será

difícil os religiosos se colocarem no caminho da vida eterna. Trata-se, afinal, de voltar às raízes da vocação. Ninguém foi chamado à VR, encantado pela burocracia em que está metida. Nem, muito menos, pela grandiosidade das obras e a possibilidade de se tornar importante como diretor de hospital, diretor de colégio, reitor de universidade ou coordenador de uma obra de relevo. A vocação sadia e evangélica nasce do desejo de servir o próximo neces-

A vocação sadia e evangélica nasce do desejo de servir o próximo necessitado.

Outras motivações geram vocações inautênticas.

Entretanto, são muitas as tentações para nos desviarmos do bom caminho, do amor primeiro.

sitado. Outras motivações geram vocações inautênticas. Entretanto, são muitas as tentações para nos desviarmos do bom caminho, do amor primeiro. Assim, o Senhor convida-nos a passar por um processo de conversão. E nos alerta a não pensarmos, como o sacerdote e o levita da parábola, que estamos em comunhão com Deus, simplesmente, por estarmos metidos no ambiente da religião e do sagrado.

Este passo será dado na condição de se caminhar na contramão do individualismo e do narcisismo da modernidade. Romper a tirania do eu será pré-requisito para se entrar na dinâmica da misericórdia samaritana. Narcisistas e

individualistas serão incapazes de dar o passo na direção indicada pelo Senhor. Estão de tal modo mergulhados no próprio mundo, a ponto de não terem tempo para o outro, muito menos o outro sofrer. Como o sacerdote e o levita, ao se defrontarem com os necessitados, passam pelo outro lado e continuam o caminho.

– A VR samaritana caracteriza-se pela radicalidade. O samaritano esgota todas as possibilidades de servir ao outro, encontrado agnizante no caminho. Nenhum detalhe lhe escapa! Diferentemente do sacerdote e do levita, que não se dão ao trabalho de se aproximar do ser humano caído no caminho, o samaritano dedica-lhe todo o tempo necessário, sem pressa. Importa-lhe, apenas, servir o outro, sem colocar limites.

A VR tem muito a aprender dele, no sentido de explorar todos os caminhos possíveis, quando se trata de servir o próximo necessitado. A tentação consiste em se limitar ao convencional, tradicional, conhecido, mais fácil e cômodo. Outra tentação consiste em fazer tudo “do meu jeito”. Por isso, a primeira coisa que se faz ao receber uma missão é destruir o que foi feito anteriormente, para dar uma feição nova ao trabalho – “com a minha cara” –, esquecendo o caminho feito, a ser levado adiante. Tentação, também, consiste em apelar para a provisoriedade da missão e se contentar com manter tudo em banho-maria. “Para que me empenhar, se vou ficar aqui tão pouco tempo!”, exclama quem não tem vocação para a radicalidade. A exigência de radicalidade supõe criatividade, abrir caminhos, investir no que se descortina como chance para minorar o sofrimento do outro ou recuperar a dignidade

humana, ferida pela maldade e pelo egoísmo. Uma pergunta está sempre no horizonte dos religiosos e religiosas samaritanos: “Que mais posso fazer para servir o meu semelhante em suas necessidades?” Só quem rompeu com os esquemas estreitos da modernidade será capaz de se auto-questionar e encontrar a resposta devida.

– A raiz samaritana da VR aponta para a generosidade e a gratuidade. O samaritano coloca-se todo e tudo o que possui a serviço do homem caído no caminho. Nada retém! Tudo dá e se dá! Este exemplo de despojamento pode ser inspirador para a VR. Todavia, uma série de vícios deve ser superada. A institucionalização da VR criou em muitos religiosos posturas de burocratas e funcionários do sagrado. Agem a partir de escalas bem definidas, de missões detalhadas e serviços previstos. Isto lhes serve de âlibi para a acomodação. “Fiz o que me foi pedido!”, “Cumpri minha tarefa!”, são afirma-

ções que resumem bem a situação. Por isso, sentem-se na obrigação de limitar o esforço ao que foi pré-estabelecido. Nada de generosidade! Há, também, religiosos movidos a dinheiro. Logo, nada de gratuidade! Contaminados pelo esquema neoliberal, transformam o trabalho em fonte de lucro.

O que não dá lucro é deixa-

do de lado. Daí a pouca disposição para trabalhar entre os mais pobres ou de colocar, a serviço dos empobrecidos, o que recebe e o que possui. O mesmo acontecerá com os contaminados pelo consumismo. As necessidades pessoais super-dimensionadas os impedem de perceber as necessidades alheias e, muito menos, os dispõem a partilhar. Sem generosidade e gratuidade não existe VR samaritana.

A institucionalização da VR criou em muitos religiosos posturas de burocratas e funcionários do sagrado.

– *A VR samaritana abre-se para acolher o ser humano sofredor, para além dos preconceitos e discriminações.* Assim como o samaritano era discriminado pelos judeus, também poderia cultivar, no coração, sentimentos de preconceitos contra os judeus. O fato de o homem da parábola ter saído de Jerusalém é um indicativo da condição de judeu. O samaritano não sabe deste detalhe, só o ouvinte, mas poderia desconfiar, por estar em território judeu. Entretanto, nada disto lhe passa pela cabeça ao se defrontar com o outro desnudo, ferido e semimorto. O rosto do outro é o rosto do irmão, do semelhante, sem ulteriores definições, para além das barreiras nacionais, étnicas ou religiosas. Pouco importa ser judeu, ser inimigo e ser alguém, que provavelmente, nutria-lhe desprezo! O samaritano não se deixou contaminar pelo vírus do preconceito e da discriminação. Por isso, foi capaz de um gesto grandioso e exemplar de misericórdia. O dono da hospedaria, presumivelmente um judeu, também foi desafiado a superar o preconceito, acreditar no samaritano e aceitar colaborar com ele. A mesma coisa pode ser dita do judeu Jesus. Em Lc 9,53, foi rejeitado pelos samaritanos, ao passar pelo território deles, a caminho de Jerusalém. Porém, no capítulo seguinte, apresenta um samaritano como exemplo para os discípulos.

A VR samaritana segue pelo mesmo caminho. Diante do outro sofredor, deixa de lado as considerações abstratas, motivadas por racismo, etnocentrismos, opções religiosas ou ideologias. O outro necessitado é o outro necessitado, e pronto! Qualquer consideração ulterior será supérflua. Pode ser que na VR não se encontrem preconceitos e discriminações evidentes. O mais freqüente é encontrar religiosos pouco sensíveis aos dramas da humanidade. Fechados num mundinho estreito, não correm o risco de se defrontarem com a humanidade sofredora.

Há quem se contente com o contato virtual, possibilitado pela internet e seu poder de globalização. Daí o desafio de, como o samaritano, trilhar os caminhos que levam ao outro carente de misericórdia. Porém, o outro concreto, real!

– *A VR samaritana está aberta aos imprevistos.* O samaritano, ao sair de viagem, não contava encontrar o homem caído no caminho. Por conseguinte, não levou dinheiro, nem previu um tempo para se dedicar à tarefa de cuidar dele. O encontro fortuito, porém, mudou-lhe toda a vida. Os negócios pessoais passaram a segundo plano.

A lição para a VR é clara: só poderá ser evangélica, quando for capaz de ser livre diante dos projetos e planos bem elaborados e se dispuser a servir o ser humano encontrado imprevistamente; quando o irmão necessitado, realmente, determinar-lhe a pauta de ação; quando for capaz de colocar tudo quanto possui a serviço do irmão, sem depender de grandes planejamentos, a exemplo do samaritano; quando caminhar atenta aos irmãos jogados no caminho, sem cair na tentação de se desviar deles.

Esta dimensão da VR samaritana exige extrema atenção aos sinais dos tempos, mormente, os que vêm da humanidade sofredora e deformada pela maldade, da qual somos tentados a nos desviar. Pode ser que outros sinais atraiam mais a VR, entre eles, a modernidade e a globalização com reptos formidáveis, a crescente descristianização e a difusão de um estilo de vida fundado na ausência de valores e de sentido da transcendência. Estes e tantos outros se constituem em desafios reais para a VR de não fácil enfrentamento. E podem fazê-la passar pelo outro sofredor sem se deixar interpelar por ele, a ponto de se dispor a mudar os esquemas de vida e o modo de se posicionar diante das muitas posses.

– A VR samaritana valoriza as parcerias. Um detalhe interessante da parábola é que o samaritano age, até determinado ponto, depois entrega o homem ao dono da pensão, com a recomendação: “Toma conta dele! Quando eu voltar, pagarei o que tiveres gasto a mais”. O samaritano conta com a colaboração do dono da hospedaria. Este se torna parceiro da boa ação ao aceitar fazer o que lhe fora pedido. A boa ação do samaritano continua na boa ação do dono da hospedaria. A expressão usada, no v. 34, para se referir ao gesto do samaritano – “Cuidou dele” – é a mesma que o samaritano usa, dirigindo-se ao dono da hospedaria, no v. 35 – “Toma conta dele”. É a mesma ação, em momentos distintos.

A VR samaritana reconhece ter muitos limites e se dispõe a trabalhar em parceria. Para isto, urge superar uma mentalidade muito comum entre as congregações de cada uma fechar-se num mundo particular, com pouca abertura para a colaboração, seja intercongregacional seja com outras instituições, onde atuam pessoas de boa-vontade. É possível fazer muitas coisas; outras, não. Para as que não dá para fazer, só resta contar com a colaboração alheia. Uma coisa deve ser evitada: deixar de prestar um serviço ao irmão necessitado só porque nossas próprias forças e recursos são insuficientes. A carência do outro não desaparece só porque não estamos em condições de ir-lhe

ao encontro. Nem pode ser deixada de ser atendida. O único caminho consiste em criar parcerias.

A parábola do bom samaritano oferece a nós, religiosos e religiosas, uma boa ocasião para voltarmos ao caminho da fidelidade à vocação de discípulos e discípulas do Mestre Jesus. Afinal, é um retrato do que foi sua vida. Ao dizer: “Vai e faz tu a mesma coisa!”, recorda aos discípulos o desafio de seguir o caminho aberto por ele. O imperativo lucano lembra-nos o imperativo joanino: “Dei-vos o exemplo, para que façais assim como eu fiz para vós” (Jo 13,15). Se a VR é constituída de discípulos e discípulas, será impossível desviar-se do confronto com o mandato do Senhor. Quando tivermos a misericórdia entranhada no coração, nos moldes do bom samaritano, Jesus, aí, sim, poderemos nos considerar discípulos e discípulas fiéis. Ou, pelo menos, nutramos o desejo de tê-la, e nos empenhemos, com sinceridade, por consegui-lo. O evangelho nos dá pistas bem precisas para identificar quem é o próximo, que nos desafia a sermos misericordiosos!

Endereço do autor:

Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus
Avenida Dr. Cristiano Guimarães, 2127 – Planalto
31.720-300 Belo Horizonte – MG
Tel: (31) 3499-1624 / Fax: (31) 3499-1611
E-mail: jvitoriosj@cesjesuit.br

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

- 1 - Que sinais você encontra no seu ambiente de que a Vida Religiosa precisa de um processo de conversão em profundidade?
- 2 - Que pode ser feito na sua Província/comunidade para que esse processo de fato aconteça?
- 3 - Quais os principais questionamentos que o texto do Bom Samaritano, narrado por Lucas, coloca para você e sua comunidade?

Alguns elementos para se compreender hoje a Teologia da Graça

GERALDO LUIZ DE MORI; SJ

A teologia da graça resume, sem dúvida, grande parte do discurso teológico elaborado ao longo dos dois mil anos de cristianismo no Ocidente. Aparentemente “dissolvida” nos atuais tratados de antropologia teológica, ou “disseminada” na linguagem religiosa ainda marcada pela fé cristã, ela permanece de importância capital para se pensar hoje a existência cristã em geral, e a vida religiosa em particular. A reflexão que propomos aqui, retomará, em primeiro lugar e de forma sintética, alguns momentos importantes da história da teologia da graça. À luz dessa história, apresentaremos, em seguida, o processo que levou à “anexação” dos antigos tratados da graça no discurso antropológico. Num terceiro momento, mostraremos as principais linhas da atual reflexão teológica sobre a graça.

I. A elaboração da reflexão sobre a graça na teologia ocidental

A teologia da graça é, sem sombra de dúvidas, um dos grandes divisores de água do debate teológico, espiritual e pastoral do cristianismo ocidental. A diferença do Oriente, que

no que diz respeito ao significado antropológico da salvação trazida pelo evento Jesus Cristo foi marcado pela categoria da divinização, o Ocidente cristão foi, em grande parte, modelado pelas controvérsias suscitadas pela teologia da graça. Como veremos, o destino mesmo do cristianismo latino foi determinado pelo aspecto controvertível desta teologia. Apresentaremos a seguir, os principais momentos de elaboração teológica desta temática¹.

1. O nascimento da teologia da graça na teologia latina

Nos primeiros séculos do cristianismo (séc. I-IV), excetuando a teologia paulina, o tema da graça não deu origem a nenhuma reflexão teológica de peso. De fato, a implantação da fé cristã no mundo greco-romano levou primeiro ao surgimento dos debates trinitário e cristológico. Estes levantavam certamente questões sobre o significado salvífico do evento Jesus Cristo (soteriologia), mas sua principal preocupação foi a de esclarecer a doutrina de Deus (dogma trinitário) e a do Cristo (dogma cristológico). A categoria escolhida pela patrística grega para pensar a soteriologia, a saber, a da *theopoiésis* (divinização), privilegiava o

¹ Para esta leitura da história, ver: GROSSI, v. e SESBOUÉ, B. Graça e Justificação I e II, in SESBOUÉ (Dir.). *História dos dogmas, Tomo 2. O homem e sua salvação*. São Paulo: Loyola, 2003, pp. 229-311; BRAMBILLA, F. G. *Antropologia teológica: chi e l'uomo perche te ne curi?* Brescia: Queriniana, 2005, pp. 65-84.

“caráter descendente” da salvação² e partia de uma visão mais otimista do ser humano, marcado seguramente pelo pecado, mas feito à imagem divina e destinado a assemelhar-se Àquele que o criara³. Contra o caráter natural da divinização, próprio à filosofia grega, os Padres buscaram pensá-la à luz da misericordiosa e gratuita ação de Deus na história pela imitação (*mimésis*) de Cristo. O processo pedagógico (*paidéia*) que leva a esta imitação acontece mediante a ação do Espírito nos fiéis (inabitação). A liturgia é o lugar mistagógico de celebração deste processo. Assegura-se com a perspectiva da divinização a iniciativa divina no fazer-nos participantes de sua divindade, conformando-nos a Cristo, pelo Espírito.

É para garantir esta primazia absoluta da iniciativa divina em nossa salvação que Agostinho, muito mais sensível à problemática do mal e às suas consequências no mundo através do pecado, opôs-se a Pelágio e, mais tarde, aos chamados neo-pelagianos. Com isso ele fez da teologia da graça um dos principais pilares da antropologia e da teologia latinas. Na verdade, ao entrar nesta controvérsia, o bispo de Hipona transformou profundamente a perspectiva herdada da patrística grega, ao conferir à centralidade que esta dava ao teológico

um caráter mais antropológico, onde não só a iniciativa divina é fundamental, mas também a resposta humana. Ele mostrou assim o estatuto desta resposta no confronto com a proposta divina. Vejamos os principais aspectos deste debate que está na origem da teologia da graça.

Pelágio, monge irlandês marcado pela antropologia otimista da patrística grega, possuía uma visão positiva da natureza humana, possuidora, segundo ele, da graça da criação, que é a “saúde” que nos permite discernir o bem e o mal. Além de ser dom da criação, a graça é também dom de salvação, como nos revelam

as doutrinas do Antigo e do Novo Testamento. Na vida dos santos, ela aparece como ajuda externa e exemplar para decidir-se com retidão e fazer o bem, não tendo o caráter de ação interna que potencia o livre arbítrio em suas escolhas. Nos sacramentos, ela perdoa os pecados cometidos voluntariamente. Para Pelágio, a força da vontade, fortalecida pelo ascetismo, era suficiente para desejar e conseguir o ideal de virtude. O

valor da redenção de Cristo limita-se à formação (*doctrina*) e ao exemplo (*exemplum*) que ele contrapôs ao mau exemplo de Adão, de modo que a natureza é capaz de vencer o pecado e ganhar a vida eterna sem a ajuda da graça.

**Contra o caráter
natural da divinização,
próprio à filosofia grega,
os Padres buscaram
pensá-la à luz da
misericordiosa e
gratuita ação de Deus
na história pela
imitação (*mimésis*) de
Cristo.**

² Cf. SESBOUÉ, B. *Jésus-Christ: l'unique médiateur. Essai sur la rédemption et le salut, Tome 1*. Paris: Desclée, 1988, p. 55. O autor enumera entre as categorias descendentes, as da revelação, redenção, libertação, divinização, justificação; e entre as ascendentes, as do sacrifício, expiação, propiciação, satisfação, substituição.

³ Cf. LADARIA, L. F. O homem criado à imagem de Deus, in SESBOUÉ, B. (Dir.). *História dos dogmas*, pp. 87-102.

A visão de Pelágio encontrou uma forte oposição nos bispos do norte da África que, em 411, reuniram-se num sínodo, em Cartago, e condenaram as teses de Celestius, um dos principais discípulos do monge irlandês. Para Celestius, o batismo de crianças é inútil, uma vez que a desobediência de Adão afetou somente a ele, não à sua descendência. Adão é somente um mau exemplo. Não herdamos seu pecado, podemos sim repetir seu gesto. Por isso, o batismo só perdoa pecados cometidos voluntariamente. A morte, portanto, não é o resultado do pecado de Adão, mas algo que pertence à natureza humana. Além do mais, é possível não pecar (tese da impecância). A condenação dessas teses deram uma solução temporária ao problema, mas as evoluções posteriores da controvérsia levaram à convocação de um outro sínodo, em 418, de novo em Cartago, do qual Agostinho participou.

O bispo de Hipona já havia contestado várias teses de Pelágio, fundamentando assim sua teologia do pecado original e da graça. Segundo ele, depois da queda de Adão, a natureza humana, que era boa e gozava do dom da liberdade, mudou-se para pior, de forma que ao nascer, todos herdamos o pecado de Adão e não somos mais livres, embora ainda disponhamos de nosso livre arbítrio. Para que este possa escolher o bem e contribuir no processo de

libertação de nossa liberdade, necessita absolutamente da graça do Cristo. Esta aparece como ajuda (*auxilium/adjutorium*) ao livre arbítrio, sendo imprescindível para a conversão e a justificação do pecador, e para que o mesmo não cometa mais pecados (*habitus*, graça santificante), sendo absolutamente necessária para evitar o mal e fazer o bem.

Nos cânones que promulgaram sobre o pecado original e a graça, os bispos reunidos em Cartago assumiram as principais teses de Agostinho⁴. Sua forma de ver a relação entre graça e livre arbítrio foi, porém, questionada pelos monges do norte da África e do sul da Gália, no

que ficou conhecido como controvérsia semi-pelagiana. As obras que o bispo de Hipona escreveu então⁵ levantarão questões espinhosas à sua teologia da graça: se tudo é obra da graça, até que ponto nossas ações são fruto de nosso livre arbítrio? Se a graça é absolutamente necessária para crer e perseverar no bem, isso significa que aquele que a tem é predestinado?

**se tudo é obra da graça,
até que ponto nossas
ações são fruto de
nosso livre arbítrio? Se a
graça é absolutamente
necessária para crer e
perseverar no bem, isso
significa que aquele que
a tem é predestinado?**

O sínodo de Orange, um século depois, reiterou os cânones de Cartago sobre o pecado original e assumiu os seguintes aspectos da reflexão agostiniana contra o neo-pelagianismo: a necessidade da graça preveniente (*auxilium/adjutorium*) na conversão e justificação do pecador, graça que precede todo esforço humano; as afirmações de que

⁴ Cf. DENZINGER – HUNERMANN. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Loyola/Paulinas, 2007, n. 222-230, pp. 84-87.

⁵ São desse período as seguintes obras: *Sobre a graça e o livre arbítrio*; *Sobre a correção e a graça*; *Sobre a predestinação dos Santos*; *Sobre o dom da perseverança*. Cf.: SESBOÜE, B. (Dir.). *História dos dogmas*, op.cit., pp. 251-256.

é a graça que suscita a oração, muda o querer para a conversão, é responsável pelo *initium fidei*, é necessária para viver na justiça, para perseverar, que é ela que repara o livre arbítrio, liberta, dá a justiça de Cristo, é necessária para o progresso dos justos e para amar a Deus⁶.

2. O aporte da escolástica à teologia da graça

Após a crise pelagiana o termo graça, no Ocidente, estará associado ao esquema hamartiocêntrico⁷. A compreensão da graça como inabilitação do Espírito no processo de nossa divinização, dominante na patrística grega e presente nos escritos agostinianos não marcados pela controvérsia anti-pelagiana, entrou na teologia latina sobretudo na Idade Média. É desta época a passagem da perspectiva agostiniana da graça como *auxilium*, à compreensão escolástica da graça como *habitus* ou *virtude*. Esta passagem se deu no contexto da entrada do aristotelismo na reflexão até então influenciada pelo platonismo e pelo neoplatonismo. De fato, enquanto Agostinho entendia a graça como auxílio à vontade para fazer o bem (concepção psicológica), os escolásticos, baseados em Aristóteles, vão pensá-la como *habitus* ou *virtude*, mostrando

Um passo importante nessa passagem foi o de Pedro Lombardo, que identificou a virtude da caridade, coração do sistema das virtudes, com o Espírito que inabita no fiel e na Igreja.

que na alma é infundido o *habitus* sobrenatural da graça que “transforma” e “eleva” a natureza humana (concepção ontológica).

Um passo importante nessa passagem foi o de Pedro Lombardo, que identificou a virtude da caridade, coração do sistema das virtudes, com o Espírito que inabita no fiel e na Igreja. Com isso ele pôs em evidência a relação entre graça e virtude, o que levará à compreensão da graça como *habitus infusus* ou qualidade inerente ao ser humano, que o modifica

ontologicamente e o habilita aos atos virtuosos sobrenaturais. A escolástica posterior, sobretudo santo Tomás, na *Suma Teológica*, diz que a graça é a orientação para a qual tende e da qual é impelido o agir humano em vista de alcançar a beatitude. Isso significa que a graça é *habitus*, ou seja disposição que, funcionando como princípio interno do agir humano, não determina necessariamente esse

agir, mas exige a intervenção de uma livre causa externa. A existência humana e as virtudes teologais na qual ela se expressa aparecem então como *habitus* não tanto porque são possuídas pelo homem, mas porque a graça pode e deve se tornar livremente um princípio que, próprio porque gratuito, move internamente o agir humano. A graça se torna então o princípio interno e externo do agir.

⁶ DENZINGER – HUNERMANN. *Compêndio dos símbolos...*, n. 370-397, pp.139-146.

⁷ De *hamartia*, termo que designa o pecado enquanto potência contrária a Deus, e não enquanto transgressões. O esquema hamartiocêntrico põe no início a criação boa e perfeita que, com a queda de Adão, necessita de salvação, o que será feito pela obra da encarnação. O evento Cristo e a graça do Cristo estão relacionados sobretudo com o perdão dos pecados e a recuperação do estado original, do que com a experiência de filiação.

A escolástica enriqueceu e sistematizou a linguagem teológica da graça. Um certo número de termos associados passou a formar distintos pares conceituais: graça sanante ou justificante e graça elevante ou santificante; graça habitual (*auxilium*) e graça atual (*habitus*); graça incriada e graça criada; graça operante e graça cooperante; graça preveniente e graça subsequente. Essas distinções pretendiam mostrar aspectos diversos de uma única e mesma graça, mas levaram lentamente a uma concepção coisificada da graça.

3. As controvérsias modernas da teologia da graça

O deslocamento operado pelos escolásticos na concepção agostiniana da graça sofreu um processo de revisão no início dos tempos modernos, com as leituras luterana e tridentina da justificação, a compreensão calvinista da predestinação, a controvérsia *De auxiliis* e o jansenismo, que estão na origem dos modernos tratados sobre a graça (*De gratia*) na teologia.

De fato, Lutero e sua releitura existencial da doutrina agostiniana do pecado original, identificado por ele com a concupiscência, resgata a centralidade da necessidade da graça (*sola gratia*), indissociavelmente ligada à necessidade da fé (*sola fide*), da Escritura (*sola Scriptura*) e do Cristo (*solo Christus*) para a justificação do pecador. O único justo, diz ele, é o Cristo, que nos imputa sua justiça (justificação forense), declarando-nos justos, embora permaneçamos pecadores, donde a emblemática fórmula do Reformador: "*simul peccator et justus*". Lutero

tem uma desconfiança profunda com relação ao que fazemos em vista de nossa salvação (obras). Para ele, nossas obras não ajudam em nada para nossa justificação. No fundo, ele privilegia a graça como *auxilium* em detrimento da graça como *habitus* ou virtude, valorizando a perspectiva antropológica pessimista e hamartiacêntrica de Agostinho.

O concílio de Trento produziu um importante tratado sobre a justificação, que retomou em parte o que o Magistério havia dito em Orange sobre a graça, a saber, sua absoluta necessidade no processo de justificação do pecador, e deu uma ênfase maior à perspectiva otimista e escolástica da graça como *habitus* ou virtude. Com efeito, este tratado, embora assumia a perspectiva bíblica da justificação pela fé, tão enfatizada por Lutero, opõe-se à concepção forense da justificação do Reformador, além de conferir um papel positivo às obras na vida do justificado. Além do mais, numa outra sessão, o concílio se pronunciou contra a identificação luterana do pecado original com a concupiscência, mostrando como esta, embora presente na vida dos batizados, não tem o caráter de pecado⁸.

Além desta ênfase distinta na compreensão luterana e tridentina da graça no processo de justificação e na vida do justificado, o início dos tempos modernos resgataram também a reflexão agostiniana da relação entre graça e livre arbítrio. Isso se deu primeiro na leitura predestinacionista que Calvino fez desta reflexão. Segundo ele, a proclamação do evangelho é dirigida a todos, mas nos destinatários ela é acolhida ou rejeitada. Nos que a acolhem, ela é vocação eficaz à eleição, nos que a rejeitam,

⁸ DENZINGER - HUNNERMAN. *Compêndio*. nn. 1520-1583, pp. 400-415, para a doutrina da justificação; nn. 1510-1516, pp. 397-400, para os decretos sobre o pecado original.

sinhal de reprovação. Pertencer ou não ao número dos predestinados ou eleitos depende do decreto divino de predestinação. Os eleitos contam com a graça eficaz que os leva a acolher a proclamação do evangelho. Esta leitura foi condenada em Trento, mas o que a suscitava, ou seja, a relação entre a graça eficaz e a resposta do livre arbítrio, foi objeto de sérias controvérsias nos séc. XVI-XVIII.

A controvérsia *De auxiliis*, entre dominicanos e jesuítas, opôs liberdade (livre arbítrio) e agir divino (graça). Bañez, dominicano, buscava valorizar a iniciativa divina. Seu ponto de partida é que Deus quer a salvação de todos, mas, tendo em vista a humanidade pecadora, escolhe alguns para a salvação, dando-lhes a graça salvífica, e manifesta para com os não escolhidos sua justiça. O critério da escolha é a vontade divina. Molina, jesuíta, tenta valorizar a resposta humana. Parte também da vontade salvífica universal. Segundo ele, depende da vontade

humana corresponder a Deus. Se a resposta é positiva, a salvação se realiza, se é negativa, ela não acontece. Para salvaguardar a gratuidade da salvação, Molina afirma que Deus, mediante a ciência média, prevê infalivelmente a correspondência dos que se salvam e a não correspondência dos que se condenam. Em base a esta previsão (futurível), Deus decide dar aos primeiros a graça eficaz da salvação, negando-a aos outros.

O Magistério proibiu dominicanos e jesuítas de se criticarem reciprocamente⁹. Surgiu então Jansênus e sua obra *Augustinus*, que se apresenta como a síntese agostiniana sobre a salvação e a graça, e que está na origem do jansenismo. Para Jansênus, a graça é graça eficaz. A ela a vontade humana não pode resistir, pois trata-se de uma graça infalível e necessitante, que domina o livre arbítrio. A graça concedida a Adão inocente (graça suficiente) estava submetida à decisão de sua liberdade. Após o pecado, ela não se torna mais efetiva, pois a vontade perdeu sua liberdade.

Deus predestina por isso somente alguns.

Essas distintas controvérsias vão estar presentes nos tratados *De gratia*, que nasceram depois do concílio de Trento. Num primeiro momento, marcados pela apologética anti-protestante, esses tratados articulavam-se ao redor do tema da graça criada e/ou santificante, graça que modifica realmente o ser humano, habilitando sua natureza de

modo gratuito à vida da graça, contra a perspectiva forense e imputada de Lutero. Trata-se, no fundo, de uma recuperação da noção escolástica da graça como *habitus*, mas com uma mudança de enfoque. A graça que eleva a natureza humana (graça criada/elevante/santificante) não é mais, como na Idade Média, um momento do agir do Espírito no justificado, mas o ponto de partida do discurso. Nesse primeiro momento, o tratado *De gratia*

Para salvaguardar a gratuidade da salvação, Molina afirma que Deus, mediante a ciência média, prevê infalivelmente a correspondência dos que se salvam e a não correspondência dos que se condenam.

⁹ *Idem*, n. 1997, p. 485.

compreende os seguintes temas: existência, natureza e propriedade da justificação cristã; preparação à justificação; desenvolvimento da vida na graça. O segundo momento desses tratados será marcado pelas questões levantadas pelas controvérsias *De auxiliis* e pelo jansenismo. A graça aparece aí como *auxilium* gratuito concedido por Deus à liberdade pecadora,

impotente e sem mérito do ser humano. Os temas tratados eram os da predestinação e relação entre graça e liberdade. Além dessas duas perspectivas, desenvolveu-se entre os séc. XVI-XIX um interesse pela perspectiva oriental da graça como divinização, que no *De gratia* é tratado a partir do tema da graça incriada, ou da inabituação do Espírito no justificado.

II. A compreensão da graça na teologia contemporânea

A reflexão sobre a graça no séc. XX beneficiou-se, sobretudo, da "recuperação" do Espírito Santo na vida da Igreja e na teologia, e da renovação dos estudos bíblicos. As duas perspectivas que predominaram na história da teologia da graça até então, a saber, a da graça como *habitus* e a da graça como *auxilium*, serão profundamente fecundadas e transformadas pela renovada percepção do Espírito no processo de justificação e na conversão dos fiéis e pela historicização da compreensão da graça a partir do mistério pascal de Cristo.

A reflexão sobre a graça no séc. XX beneficiou-se, sobretudo, da "recuperação" do Espírito Santo na vida da Igreja e na teologia, e da renovação dos estudos bíblicos.

A primeira perspectiva, que predominou no *De gratia* após Trento e fazia derivar do dom criado (graça como *habitus* ou justificação) os demais aspectos da vida na graça (inabituação do Espírito, remissão dos pecados, filiação adotiva, participação da natureza divina, incorporação a Cristo), sofreu uma profunda inversão ao longo do séc. XX. À luz da desproporção existente en-

tre a finitude do dom criado (resultado da vida na graça) e a infinitude do dom incriado (ação do Espírito que introduz à vida na graça), começou-se a privilegiar como ponto de partida este último, ao qual os distintos aspectos do primeiro estão ligados. O dom criado passou ser visto como a necessária transformação que o ser do justificado sofre na presença do dom incriado. A própria ação do Espírito é vista de outra forma, uma vez que os estudos bíblicos levaram a recuperar a páscoa de Jesus (dimensão cristológica) na qual o Espírito introduz e faz participar os fiéis (dimensão pneumatológica).

A recuperação do Espírito Santo na doutrina da graça não foi só uma reordenação de posições (do dom criado ao dom incriado). Ela se deu também graças ao aprofundamento e à superação da compreensão escolástica da graça ocorrida nesse período. Karl Rahner, com sua concepção da revelação como auto-comunicação de Deus, onde o ser humano aparece como gramática da auto-doação divina (existencial sobrenatural), foi um dos grandes artífices desse trabalho. Com sua reflexão, ele mostrou que o Espírito está intrinsecamente presente no ser humano, não só como condição de possibilidade para que possa escutar a

Palavra da graça, mas também como acolhida real e histórica desta Palavra. O trabalho de Rahner salvaguarda a primazia do dom incriado, visto numa perspectiva histórico-salvífica, e assegura a passagem de uma perspectiva essencialista a uma histórica. Graças a esse trabalho, a teologia da graça começou a ser dita sob diversos registros desde então: transcendental, personalista, dialógico-social, histórico-prático, político-libertador.

A segunda perspectiva, que tinha dado origem às controvérsias modernas que tentam articular graça e livre arbítrio, fez uma releitura da relação entre o dom incriado e a graça como *auxilium*. Esta perspectiva introduziu uma ruptura na forma de se entender esta relação, pois mostrou que o papel do Espírito Santo no processo psicológico que leva à fé e à conversão, foi compreendido ao longo dos séculos de forma a-histórica e sem referência a Jesus Cristo. Ela mostrou também que o discurso sobre a graça como *auxilium* para o pecador incapaz de salvação, está na origem das especulações que fizeram nascer a doutrina da predestinação, entendida como relação entre a vontade salvífica e a liberdade humana.

A redescoberta do Espírito conduziu essa perspectiva a referir a relação graça e liberdade a Jesus Cristo. Ao invés de especular sobre a predestinação a partir de uma vontade ou de um decreto abstrato de Deus, a teologia passou a associá-la a Cristo. Só à luz da cristologia é possível superar a oscilação entre a gratuidade da vontade salvífica de Deus e a impotência da liberdade humana, presente nos discursos que tentam articular esta relação, e que levam a

pensar a predestinação como arbitrariedade de um decreto inescrutável. A percepção de que o Espírito Santo é o Espírito de Jesus, dado nEle, introduz uma nova orientação no pensar a relação graça e liberdade. Supera-se com isso o caráter abstrato e insolúvel do dilema que opôs os elementos dessa relação, mediante a recuperação de seu lugar cristológico. A graça descreve a situação humana à luz de Cristo e não à luz do homem pecador ou da natureza humana. É a partir da predestinação de Cristo em ser Filho de Deus e salvador, de sua páscoa, dos sacramentos mediante os quais ele infunde seu Espírito, que deve-se pensar a teologia da graça. A incorporação a Cristo, ou seja, a participação em sua própria predestinação, é o lugar para se pensar a doutrina da graça. Os temas da predestinação, como o da inabituação do Espírito Santo, o da justificação, o da filiação, o da remissão dos pecados e o da modificação real adquirem assim outro significado.

Com essas mudanças nas duas perspectivas a partir das quais a teologia da graça foi pensada ao longo dos séculos, o *De gratia* dissolveu-se como tratado. Sua condensação num tratado a parte foi vista como fruto de uma concepção coisificada da graça, separada de seu contexto real: a referência a Jesus Cristo e sua indissociável relação com o Espírito. Nas últimas décadas poucos teólogos ainda propõem um tratado teológico dedicado somente à questão da graça. Quando o fazem, buscam beber no solo vital da cristologia e da pneumatologia, associando soteriologia, eclesiologia, sacramentos, ética e espiritualidade¹⁰.

¹⁰Um exemplo paradigmático dessa perspectiva é a obra de SCHILLEBEECKX, E. *Cristo y los cristianos. Gracia y liberación*. Madrid: Cristianidad, 1982. Outras obras surgidas com uma preocupação semelhante: GANOCZY, A. *Dieu. Grâce pour le monde*. Paris: Desclée, 1986; FORTE, B. *La eternidad em el tiempo*. Salamanca: Sígueme, 200; DE FRANÇA NIRANDA, M. *A salvação de Jesus Cristo. A doutrina da graça*. SP: Loyola, 2004.

III. Alguns elementos para se pensar hoje a experiência e a teologia da graça

A análise que fizemos até aqui nos mostra não só as principais orientações da reflexão sobre a graça na teologia latina, mas também o quanto estas orientações foram decisivas na compreensão que a fé cristã tem de si no Ocidente. Com efeito, as grandes divisões confessionais presentes no seio da cristandade são em grande parte fruto de interpretações distintas da graça divina. Mesmo a idéia que a maioria dos cristãos possuem da graça é tributária

das leituras que a vêem como *habitus* ou como *auxilium*, ou, o que é mais perceptível na piedade dos fiéis, das leituras mágica e coisificante da graça, marcadas pela percepção abstrata e incompreensível da ação divina, sem referência à perspectiva relacional, própria às Escrituras, e dissociada da figura histórica da graça, que é Cristo, ou de sua fonte teológica, que é o Espírito e a Trindade. As modificações ocorridas no último século no seio da teologia da graça, que parecem ter fecundado toda a reflexão teológica, necessitam ainda ser apropriadas na vida da maioria dos fiéis. Para isso, é de capital importância refazer o caminho que produziu estas transformações, a saber, o da releitura das Escrituras e o da redescoberta da centralidade do Cristo e de sua relação com o Espírito.

**A releitura bíblica deve
superar as formulações
da tradição teológica,
que pensam a graça
como *auxilium*, *habitus*
e divinização.**

1. A graça nas Escrituras

A releitura bíblica deve superar as formulações da tradição teológica, que pensam a graça como *auxilium*, *habitus* e divinização. Além disso, ela precisa recuperar a originária visão bíblica que coloca a graça no contexto da mensagem salvífica dos dois Testamentos.

No Primeiro Testamento, a graça está inserida na teologia da aliança. É esta teologia que nos oferece o quadro a partir do qual entender os termos através dos quais ela se expressa. Entre esses termos se destacam *hanan*, *hen*, *hesed* e *'emet*. A raiz *hnn*, da qual derivam o verbo *hanan* e o substantivo *hen*, indica, por um lado, ser benévolo, mover-se de pie-

dade por alguém, e por outro, encontrar graça ou favor diante de alguém¹¹. Por isso, *hanan* aparece com o sentido de voltar-se para o próximo numa atitude de piedade e benevolência, sobretudo para com os pobres e miseráveis (Pr 14,31; 28,8), ou no sentido do perdão que o rei concede a seus súditos. Esses significados são transpostos na linguagem religiosa. A atitude benévola de Deus supõe no destinatário uma indignidade, que pode traduzir-se em súplica e oração. Nesse contexto, o verbo *hanan* é o voltar-se amoroso de Deus para com o suplicante. O favor divino se experimenta como resposta à oração, o que supõe uma atitude dialógica. O substantivo *hen* significa encontrar graça ou favor, seja por causa de carência, seja por possuir a graça como beleza. Já os termos *hesed*, que significa bondade, amizade e amor, e *'emet*,

¹¹ Uma leitura exaustiva dos termos bíblicos a partir dos quais a graça é dita na Bíblia é a proposta por SCHILLEBEECKX, E. *Cristo y los cristianos*, pp. 78-169; 453-611.

que indica a fidelidade divina, aparecem em geral numa fórmula fixa, presente na liturgia (Ex 34,6-7; Sl 25,10; 40,11s; 57,4.11; 85,11; 89,15; 138,2).

Apesar de o campo semântico coberto pelos termos *hanan*, *hen*, *hesed* e *'emet* parecer estar em contradição com o da categoria aliança (*berît*), uma vez que implica a liberdade e a gratuidade divinas, enquanto a *berît* requer uma relação de reciprocidade, essa contradição é aparente, pois a *berît* bíblica é fundada na iniciativa unilateral de Deus e encontra sua razão de ser na promessa e na fidelidade divinas. A aliança supõe sim reciprocidade, mas inteiramente assimétrica, pois Deus escolheu Israel como seu povo sem nenhuma motivação externa à sua escolha. A aliança é uma expressão de sua benevolência.

No Novo Testamento, a benevolência divina é primeiro associada à forma como Jesus anunciou e tornou presente o reino de Deus. Em seus gestos de compaixão e misericórdia para com os enfermos, pobres, pecadores e excluídos, emergem as atitudes do Deus da aliança do Primeiro Testamento (*hanan*, *hen*, *hesed*, *'emet*). Com sua morte e ressurreição, é toda a vida do Nazareno que será identificada como salvação, misericórdia e graça. Como o Crucificado vive no Espírito, a acolhida de sua mensagem, de sua práxis e de seu destino será também associada à ação do Espírito no discípulo. Três elementos caracterizam a graça no NT: a filiação divina, o dom do Espírito, a orientação escatológica.

As principais tradições teológicas do NT falam da filiação. Paulo e João usam três modelos para exprimir esta relação: o jurídico, que

define a filiação como adoção e eleição; o ontológico, que a compreende como nascer de Deus; o criacional, que a evoca em termos de nova criação. Paulo liga criação e salvação para dizer a graça como recriação ou como realização do plano de Deus, levado a bom termo no Espírito. João fala do nascer de Deus como obra do Espírito. Em ambas as tradições, a relação entre Espírito e filiação é explícita.

A filiação aparece como obra do Espírito, mas esta obra aparece no NT como experiência de conformação a Cristo, ou seja, o Espírito, que realiza no fiel a filiação, o faz à luz da memória histórica de Jesus Cristo. Isso significa que o conformar-se a Cristo tem implicações não só espirituais, mas também ético-práticas. O dom do

No Novo Testamento, a benevolência divina é primeiro associada à forma como Jesus anunciou e tornou presente o reino de Deus.

Espírito leva o fiel a revestir-se de Cristo, a renovar-se nEle, a ser nova criatura, a comunicar e a permanecer com e nEle. E esta experiência da graça, feita no Espírito, se traduz em serviço ao próximo.

O último aspecto desta experiência no NT, é seu caráter de tensão entre o que a teologia chama de "já" e "ainda não" da vida na graça, ou seja, o fiel já se experimenta filho, salvo, inhabitado pelo Espírito, mas sua existência ainda não é vivida na plenitude. Este último aspecto, mostra que a graça insere-se num processo de libertação ou redenção. Para dizer este processo, o NT elaborou uma série de categorias, que estão polarizadas ao redor da dinâmica daquilo *do qual* somos salvos e daquilo *para o qual* o somos. Entre essas categorias, algumas apontam para o horizonte (salvação e redenção); outras para o ponto de partida (libertação da escravidão e da opressão, libertação como aquisição e resgate); outras para a modalidade

do dinamismo redentor (reconciliação, satisfação, expiação, remissão dos pecados, justificação e santificação); outras para o ponto de chegada (redimidos para a comunhão, libertados para o amor, libertados para a liberdade, renovação do mundo e do ser humano, vida em plenitude, libertação como vitória contra satanás). Essas categorias serão importantes no desenvolvimento da soteriologia cristã. Em todas a articulação entre cristologia e pneumatologia é patente, o que nem sempre foi o caso na história da teologia.

2. A graça como incorporação a Cristo mediante a ação conformadora do Espírito

A releitura que fizemos das Escrituras nos mostra que a graça é dita de formas muito mais plurais do que o fez a tradição teológica, polarizada entre a percepção da graça como *auxilium* e da graça como *habitus*, e marcada pela perspectiva harmatiacêntrica. Além do mais, vimos que a graça no NT é sempre referida a Cristo e indissociável do Espírito. Esta polissemia da graça e esta articulação entre cristologia e pneumatologia são fundamentais para dizermos hoje aquilo que é o coração mesmo da revelação neo-testamentária da graça: não só graça como libertação dos pecados ou vida na justiça, mas como incorporação a Cristo (tornar-se filhos no Filho), pela ação conformadora do Espírito.

A releitura que fizemos das Escrituras nos mostra que a graça é dita de formas muito mais plurais do que o fez a tradição teológica, polarizada entre a percepção da graça como *auxilium* e da graça como *habitus*, e marcada pela perspectiva harmatiacêntrica.

O fundamento desta forma de vivenciar e pensar a graça é a relação entre Cristo e o Espírito antes e depois da páscoa. De fato, o NT nos apresenta Jesus já antes da páscoa como aquele que assume sua missão messiânica investido pelo e do Espírito. Isso aparece no batismo, onde ele faz a experiência filial que é a matriz de toda sua existência pneumatológica consagrada ao reino de Deus e ao Deus do reino; nas tentações, onde o Espírito indica-lhe a *forma servi* como expressão

fundamental de seu ser Filho; e na cruz, onde ele se mantém na invocação filial graças à ação do Espírito. O Ressuscitado também aparece cheio do Espírito após a páscoa, não só porque é ressuscitado no Espírito, mas também porque O envia aos discípulos como primeiro dom da nova criação. É este Espírito que faz com que a Igreja nascente anuncie o mistério pascal a todas as nações, conformando os que acolhem este anúncio à filiação crística. Esta articulação entre cristologia, pneumatologia e eclesiologia torna-se efetiva na liturgia sacramental e na existência praxica dos cristãos.

Portanto, se o Espírito, na vida e na páscoa de Jesus, é responsável pela identidade crística como identidade filial, o mesmo Espírito nos apresenta o Filho como o universal destino de filiação e santificação dos seres humanos e de recriação do mundo. Se o Espírito habilita Jesus a tomar a *forma servi* como gesto de entrega insuperável, gesto que diante de Deus aparece como representação de toda a humanidade, o mesmo Espírito nos habilita a tomar o lugar filial de Jesus instituindo a humanidade

de Jesus como a forma escatológica para a humanidade e como a forma futura do mundo. O Espírito que irradia a páscoa de Jesus no horizonte do mundo não só reconduz a humanidade e o mundo a Cristo e, nele, ao rosto crístico de Deus, mas faz o mundo participar da forma escatológica do Crucificado ressuscitado como um evento espiritual, que tem na Igreja seu sinal real como evento do Espírito. A ação do Espírito plasma a liberdade humana porque a incorpora a Jesus Cristo, formando a Igreja como corpo de Cristo, símbolo real do destino escatológico da criação.

Nossa incorporação a Cristo pela ação conformadora do Espírito, aparece então como presença/inabitação do Espírito em nossa liberdade, levando-nos à experiência filial, que tem a fé, enquanto ato e conteúdo, como lugar primeiro de realização existencial. Esta presença do Espírito na liberdade habilita-a a agir filialmente, sana sua incapacidade de acolhida, institui no caminho filial, supera todas as formas de inimizade e separação antropológica (homem e mulher), religiosa (judeu e grego) e social (escravo e livre), liberta do domínio da carne (enquanto lugar de desejo onipotente), que é pecado e morte. É uma inhabitação configurante, porque onde está o Espírito do Senhor aí existe a liberdade, e transformante,

porque transfigura e deixa que o Espírito cumpra no cristão o destino filial.

Breve conclusão

O caminho percorrido nos coloca diante da tarefa de redescobrir a graça como relação, cujo conteúdo é cristológico e pneumatológico, inserindo-nos na vida da Igreja pela vivência sacramental e transparecendo em nosso agir pelo compromisso com a transformação do mundo. Oxalá esta redescoberta possa reconduzir a compreensão ainda mágica e coisificante da graça presente no imaginário de tantos cristãos ao seu verdadeiro sentido, resgatando para nossos dias não tanto as especulações e conflitos que animaram o debate teológico sobre a graça e definiram o panorama teológico e eclesial do Ocidente, mas o encontro vivo com Aquele que é a graça em pessoa, encontro que, no Espírito, leve à sua experiência filial, fonte de vida plena e de ação transformadora da história e do mundo.

Endereço do autor:

Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus
Avenida Dr. Cristiano Guimarães, 2127 - Planalto
31.720-300 Belo Horizonte - MG
Tel: (31) 3499-1624 e Fax: (31) 3499-1611

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

- 1 - Quando você ouve falar na graça de Deus, o que lhe vem à mente? Para você, o que é a graça de Deus? Como as pessoas com as quais você convive entendem a graça?
- 2 - A releitura da história da teologia da graça lhe ajudou a entender melhor o que a tradição teológica compreendeu ao longo dos séculos com a expressão graça de Deus?
- 3 - Como contribuir para que a graça como conformação à Cristo, no Espírito, se torne experiência vital na sua caminhada espiritual e na apresentação da graça na pastoral?

Desafiadas a tecer uma nova espiritualidade que gere esperança e vida para todos e todas*

THOMAS HUGHES, SVD

Introdução

O título do texto nos dá algumas coordenadas que podem orientar a nossa reflexão. Primeiramente, a palavra “Desafiadas” – pois desafios não nascem dum vácuo, mas de situações concretas. O que é que nos desafia como religiosas/os hoje? Parece-me haver uma dupla vertente – uma que jorra da natureza da VRC em si e outra que vem da situação real das grandes massas de humanidade, sofrendo e excluídas pelo modelo econômico dominante da sociedade neoliberal globalizada. Como o Deus Javé sentiu-se “desafiado” há milênios pelo grito do seu povo no Egito, hoje a Vida Religiosa entendida como seguimento radical do projeto desse Deus, encarnado no Verbo Divino, está sendo desafiada pelo grito ensurdecedor de bilhões de seres humanos. É dessa natureza da VRC que vertem mais desafios – como ser fiéis à nossa identidade profunda, que não se define em primeiro lugar pelos votos nem pelas obras, mas pelo nosso jeito de sermos cristãs e cristãos. No bojo do Concílio Vaticano II passamos por anos de reformas, mas fica claro para o observador atento que o imaginário reformista está esgotado, que a crise continua e que se torna necessário clarificar a identidade da VRC.

Um outro termo chave no título é “Tecer”. “Tecer” implica criar algo usando diversos fios que se entrelaçam para formar um pano novo.

Assim é preciso identificar elementos que não poderão faltar se quisermos realmente tecer um pano multicor, uma Nova Espiritualidade, capaz de “gerar Esperança e Vida para todos e todas”, e que faz jus à complexidade da vida moderna.

Talvez descubramos que muitos elementos dessa nova espiritualidade não são tão novos assim, mas antigos, porém negligenciados ou até abandonados ao longo dos anos. O fato de se propor uma espiritualidade que “gera” implica que não seja estática, pré-fabricada, com todas as respostas prontas, mas que entremos na dinâmica do próprio Deus que continua a criar, como deixou claro através do Profeta Deutero-Isaías “Eis que estou criando coisa nova, e vocês não vêem!” (Is 43,19). Nas palavras de Paulo “A criação toda geme como em dores de parto” (Rm 8, 22) – a espiritualidade passa também por suas dores de parto. A busca duma espiritualidade que “gera Esperança e Vida para todos/todas” nos põe em sintonia com Jesus, que nas palavras do Quarto Evangelho, define a sua missão como a de fazer que “todas tenham a vida e a vida em plenitude” (Jo 10,10). Talvez nunca fosse tão necessária uma tal espiritualidade, pois chama atenção o desânimo de muitas pessoas, e até nações, diante dos estragos do rolo compressor do neoliberalismo. A impotência é o sentimento que se encontra em muitos lugares – até entre grandes

* Texto apresentado na Assembléia Geral da União Internacional de Superiores Gerais (UISG) Roma – abril de 2007.

segmentos da Vida Religiosa e Eclesial. Desafia-nos a dar alguns passos para que de novo os nossos corações ardam e os nossos olhos se abram, como na estrada de Emaús.

A Palavra de Deus, fundamento de toda espiritualidade renovada

Acredito que fique cada vez mais patente que a espinha dorsal de qualquer espiritualidade renovada, queiramos chamá-la de “nova” ou não, será a Palavra de Deus. Não é de hoje que a própria Igreja conclama para que coloquemos esse fundamento na nossa espiritualidade. O documento monumental, *Dei Verbum*, (monumental, não pelo seu tamanho, mas pela sua importância) exigiu que a Palavra de Deus voltasse a ser alma de toda a pregação e teologia da Igreja, com a Bíblia sendo devolvida às mãos dos leigos. Passaram mais de quarenta anos e fica claro que muita coisa resta a ser feita

nesse respeito, não somente na vida dos leigos, mas na Vida Religiosa Consagrada. Embora seja impossível exagerar os esforços de várias instâncias da VRC em promover diversos tipos de programas para que isso acontecesse, (por exemplo o Projeto Tua Palavra É Vida, da Conferência dos Religiosos do Brasil, e o Projeto Nos Caminhos de Emaús, da CLAR), os resultados, pelo menos medidos quantitativamente, têm sido parcos – especialmente na Vida Religiosa Masculina. Em setembro 2005, num centro de congressos perto daqui, o Congresso Especial da, O Lugar da Palavra de Deus na Vida

**A impotência é o
sentimento que se
encontra em muitos
lugares – até entre
grandes segmentos da
Vida Religiosa e Eclesial.**

da Igreja” e pediu ao Santo Padre que a Palavra de Deus fosse o tema do próximo Sínodo dos Bispos – um apelo que achou eco em algumas grandes Conferências Episcopais e que foi acatado pelo Papa Bento XVI. No contexto dessa Assembléia, talvez seja bom iniciar a nossa reflexão com uma consideração sobre o conceito que está atrás do termo “Palavra.”

Obviamente, a primeira referência para nós é a Palavra de Deus, destacando a sua Palavra comunicada através da Sagrada Escritura. No Antigo Testamento, a Palavra de Deus não é objeto de especulação abstrata, como é o caso com outras correntes de pensamento, por exemplo, o “Logos” dos filósofos alexandrinos. É antes de tudo um fato experimental: Deus fala diretamente aos homens e mulheres, ao seu povo e a toda a humanidade.

A Palavra de Deus é comunicação, auto-expressão e acontecimento salvífico: “Da mesma forma como a chuva e a neve, que caem do céu e para lá não voltam sem antes molhar a terra, tomando-a fecunda e fazendo-a germinar, a fim de produzir semente para o semeador e alimento para quem

precisa comer, assim acontece com a minha palavra que sai da minha boca: ela não volta para mim sem efeito, sem ter cumprido com sucesso a missão para a qual eu a mandei (Is 55,10-11).

A Palavra de Deus revela e age

Assim podemos afirmar que a Palavra de Deus pode ser considerada sob dois aspectos, indissociáveis, mas distintos: **ela revela e**

ela age. Ela revela quem é o verdadeiro Deus pelo que ele faz. O Deus dos hebreus não é o Deus dos filósofos, distante, imutável, objeto de estudo e fria análise, mas um Deus que se revela na ação da sua Palavra criadora, libertadora e congregadora. Isso fica claro no texto que podemos considerar a chave de toda a Escritura, pois o resto da Bíblia é consequência daquilo que ela revele: "Eu vi muito bem a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu clamor contra seus opressores, e conheço os seus sofrimentos. Por isso, desci para libertá-lo do poder dos egípcios" (Ex 3, 7-8).

Esse "**descer**" do Deus bíblico tem seu auge na Encarnação, como lemos no Prólogo do Quarto Evangelho: "No início era a Palavra, e a Palavra estava com Deus...e a Palavra era Deus...e a Palavra se fez carne e armou sua tenda no meio de nós" (Jo 1, 1.14). O projeto de Deus acontece quando essa Palavra se fez homem, armou a sua tenda (ou acampou) entre nós. O verbo grego usado em Jo 1,14, "**eskênôsen**" deriva-se do termo "**skêne**", que significa uma tenda.. Na visão do Quarto Evangelho, com ecos do Êxodo, a Palavra, o Verbo Divino, "**armou sua tenda**" no meio da humanidade, não "**ergueu o seu Templo!**" "Templo é fixo, tenda é móvel, ou seja, aonde anda o povo, lá estará a Palavra Viva de Deus, encarnada na pessoa e projeto de Jesus de Nazaré. Nele e por ele a Palavra age, operando a salvação aqui na terra. Podemos afirmar que o mistério da Palavra tem como centro a pessoa de Jesus Cristo, inseparável da sua missão e projeto.

Então aqui já temos um dos fios essenciais para que tecemos a nova espiritualidade – a

pessoa e o projeto de Jesus de Nazaré. Mas aqui cumpre perguntar – de onde veio esse projeto de Jesus, qual foi a sua inspiração, a sua motivação? Temos que levar a sério o fato da Encarnação, o escândalo da humanidade de Verbo Divino, acampado no meio do povo pobre da Galiléia de dois milênios atrás. Para ele, como para nós, foi um desafio descobrir a vontade do Pai e tecer um programa de vida coerente com essa vontade. A tomada de consciência de Jesus da sua missão, da sua identidade não foi algo automático, como não é para nós. A Carta aos Hebreus enfatiza claramente o processo pelo qual Jesus passou, quando diz: "Embora sendo Filho de Deus, aprendeu a ser obediente através dos seus sofrimentos" (Hb 5,8)

Nesse processo, a Palavra de Deus nas Escrituras judaicas teve um lugar de destaque. Durante trinta anos, Jesus alimentou a sua espiritualidade e a sua fé nas mesmas fontes do povo sofrido do interior de Palestina – na espiritualidade dos "Anawim", com destaque para Segundo e Terceiro Isaías, Segundo Zacarias e Sofonias. Foi no confronto entre a Palavra de Deus transmitida nas Escrituras

Temos que levar a sério o fato da Encarnação, o escândalo da humanidade de Verbo Divino, acampado no meio do povo pobre de Galiléia de dois milênios atrás.

através dessas vozes proféticas e a realidade sofrida do seu povo explorado, que Jesus clareou e concretizou a sua identidade e missão.

Lucas expressa a auto-compreensão de Jesus na ocasião da sua visita a Nazaré, onde foi criado, ou seja, onde cresceu na sua fé, quando, na sinagoga, Jesus escolhe um trecho de Terceiro Isaías e se identifica com essa missão (Lc 4,16-21). O restante do Evangelho é o desenvolvimento dessa compreensão da missão do Verbo Divino, a Palavra Encarnada, cuja

missão agora continua através da comunidade dos seus discípulos e discípulas, movidos pelo Espírito, colocando os seus carismas e dons a serviço do Reino. Continuando o confronto entre a Palavra de Deus na Bíblia e a realidade do povo, os discípulos/as de Jesus descobrem a sua missão, de continuar a daquele que se encarnou para que “todos tenham a vida e a vida plenamente” (Jo 10,10). Um instrumento especial nesse conjunto do discipulado é a Vida Religiosa Consagrada, gerada pelo Verbo/Palavra Encarnada e convidada a aprofundar a experiência do Verbo de formas múltiplas, segundo o carisma de cada fundação, na intuição da geração fundadora.

Ao longo da história do Povo de Deus, a Palavra não só gerava e congregava, mas sustentava. Apesar de ser um povo minúsculo no palco mundial, “vermezinho Jacó, bichinho Israel” nas palavras do Segundo Isaías (Is 41,14), sem importância nem projeção, a Palavra sustentava a utopia e o ideal, não deixando que o projeto de Deus fosse apagado da memória de Israel, apesar dos esforços da elite dominante, muitas vezes usando a própria religião como cobertura para os seus projetos de dominação. Na medida que crescesse a monarquia com a sua injustiça e opressão, a Palavra ressoava em franca oposição, através dos profetas e profetizas que Deus suscitava no meio do povo. No momento oportuno, a Palavra de Deus mantinha viva a resistência através de pessoas tão diversificadas como a profetiza Débora, o intelectual Isaías, o poeta Oséias, e o vaqueiro Amós. Anunciadores do projeto de Deus e denunciadore de tudo que se oponha a ela, defensores dos fracos e oponentes dos fortes,

A Igreja primitiva no Império, apesar das suas dificuldades, era vibrante e fervorosa. Ser cristão era sinônimo de ser subversivo diante da opressão imperial.

perseguidos e perseguidas, eram homens e mulheres da Palavra. O que os caracterizava era a veemência. Eram empolgantes e cheios de paixão. Convenceram porque primeiro foram convencidos/as. Refletiram um mundo em convulsão, em crise. Foram tomados pelo Espírito Santo e foram expressões da sua Palavra.

Diferentes de outros críticos da sociedade, os profetas se definem com relação a Deus, como hoje a VRC tem que fazer. A sua Palavra é do Senhor. Na raiz da sua missão há uma grande experiência de Deus, como podemos ver, por exemplo, em Am 7, 10-15; Os 1-3; Jr 1, 4-10; Is 6, 1-13; Ez 6, 1-3.11; Is 40, 1-11 etc. Sem essa experiência profunda

de Deus, o seu profetismo teria sido mera demagogia ou ideologia – e hoje a VRC tem que primar por sua experiência de Deus, no seguimento de Jesus, em quem a tradição profética chegou ao seu auge. É inconcebível uma espiritualidade da VRC que não seja expressão viva e renovada do profetismo, inerente na nossa vocação batismal. De fato, o surgimento da VRC na Igreja foi em si mesmo uma expressão do profetismo. Os/as profetas sempre agiram, falando por palavras e ações, quando viram o perigo do projeto de Deus ser sufocado. É nesse sentido que também podemos entender o nascimento da Vida Religiosa ou Consagrada na Igreja.

A Igreja primitiva no Império, apesar das suas dificuldades, era vibrante e fervorosa. Ser cristão era sinônimo de ser subversivo diante da opressão imperial. A vida diária trazia o perigo do martírio. Mas depois do Edito de Milão em 312, a Igreja saiu das catacumbas. Ser cristão não implicava mais correr risco de vida.

Aumentou então o número de cristãos. Mas a Igreja “perdeu o seu primeiro amor” (Ap 2,4). Acabaram os sinais de radicalidade da fé na Igreja, antes manifestada pelo martírio. A Igreja precisava de novos sinais de radicalidade na vivência da fé, que fossem uma forte profecia para a própria Igreja e para o mundo. Neste contexto emergiu um novo fenômeno na Igreja – os primórdios da Vida Consagrada, começando pelos padres do deserto. Tentaram resgatar a dimensão de radicalidade, do martírio, numa Igreja quase cooptada pela sociedade vigente. No fundo a Vida Consagrada se entendia como desafio a uma

Igreja que tinha perdido o rumo, que descuidava do profetismo e das opções de Jesus e que estava bem integrada na sociedade vigente, dominadora e excludente.

Assim, também podemos entender os nossos fundadores e fundadoras. Reagiram a uma lacuna na vida da Igreja. Souberam identificar os apelos de Deus e do povo, esquecidos ou abafados pela instituição. Francisco e Clara de Assis ouviram o clamor dos pobres numa Igreja aliada aos ricos; Vicente de Paulo e Luiza de Marillac tiveram a sensibilidade de ouvir o clamor dos excluídos de Paris; o meu fundador Arnaldo Janssen e os seus primeiros companheiros e companheiras se scandalizaram com o fato de não existir nenhum instituto para formar missionários na Alemanha etc. Nem sempre pretenderam fundar uma Congregação, sendo essa as vezes uma etapa seguinte, mas em palavra e ação eram continuadores/as da Palavra de Deus, muitas vezes deixada de lado pelas instâncias institucionais, mais preocupadas

com a manutenção da estrutura do que com os apelos do Espírito. Esses homens e mulheres, portadores da Palavra, nem sempre eram benquistos na Igreja, pois a Palavra de Deus, seja proferida onde for, e por quem Deus escolher é: “viva, eficaz e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes; ela penetra até o ponto onde a alma e o espírito se encontram, e até onde as juntas e medulas se tocam; ela sonda os sentimentos e pensamentos mais íntimos” (Hb 4, 12s)

Através das fundações diversas da Vida Religiosa Consagrada, a Palavra se encarnou em práxis, como

carisma dado a Igreja e ao mundo, para a continuação da Missio Dei, no projeto de Jesus Cristo. Esse fato comporta uma advertência – o mais importante é o carisma e não a Congregação. A Palavra é eterna, mas a sua expressão institucional numa Congregação ou Ordem ou Obra não necessariamente é. Precisamos fazer do discernimento um estilo de vida, para que verifiquemos se a atuação nossa está ainda em sintonia com as necessidades do povo e da Igreja e coerente com o nosso carisma. Não temos compromisso com a nossa sobrevivência institucional mas com o profetismo.

Seguir Jesus na Vida Religiosa hoje

Assim vemos mais uns fios que devemos tecer no pano da nossa espiritualidade – **o discipulado de Jesus; a leitura da realidade a partir do povo sofrido**, com um “ver”,

um “ouvir” e um “conhecer” como Deus e que nos levam a “descer” para ajudar o povo a se libertar em todos os sentidos; e o **carisma**, dom do Espírito para a Igreja e o mundo, conforme a inspiração e intuição das nossas gerações fundadoras, que foram vozes proféticas diante da Igreja e do mundo do seu tempo. Cada um desses elementos carece duma atualização e um aprofundamento para que a Vida Religiosa seja realmente expressão viva da Palavra de Deus e não somente uma relíquia estagnada de tempos idos, acorrentada por estruturas e expressões devocionais arcaicas que não falam mais às pessoas da nossa época.

Nenhuma questão se torna mais urgente do que a do nosso discipulado no seguimento de Jesus, vivenciado na missão. Isso implica uma verdadeira paixão, um encanto por Jesus. Não duma maneira sentimental, como propagava um certo tipo de devocio-

nalismo do passado, mas através duma forte experiência da pessoa e projeto do Verbo Divino Encarnado. O diálogo de Jesus com os seus primeiros discípulos na versão joanina é esclarecedor (Jo 1,37-39). Vendo que André e um discípulo anônimo o seguiram, perguntou-lhes: “O que vocês estão procurando?” Não há pergunta mais importante para cada religiosa/o e cada Congregação – o que realmente estamos procurando? Responderam: “Mestre, onde moras?” – não qual era o seu endereço, mas como era a sua vivência, o seu projeto de vida. Em lugar de esclarecer teoricamente, Jesus os desafiou “Venham e vejam” – ou seja, não é possível fazer uma profunda experiência de Jesus somente dos estudos e teorias – tem que ser

Embora a Bíblia diga que Deus criou o homem e a mulher na sua imagem e semelhança, na verdade freqüentemente somos nós que criamos Deus em nossa imagem e semelhança.

na prática do seu seguimento. É extremamente urgente que redescubramos o Jesus da Bíblia, o Jesus de Nazaré e não a caricatura sentimental tão freqüentemente propagada por movimentos fundamentalistas e interesses econômicos. Embora a Bíblia diga que Deus criou o homem e a mulher na sua imagem e semelhança, na verdade freqüentemente somos nós que criamos Deus em nossa imagem e semelhança. Algo semelhante acontece com Jesus – muitas vezes criamos uma imagem de Jesus que pouco

ou nada tem a ver com o carpinteiro de Nazaré – ou preferindo uma imagem sentimental de devocionalismo sem fundamento bíblico, ou nos tempos modernos, onde se oferece a versão “light” de quase tudo, um Jesus “light”, que não incomoda, mas pelo contrário, serve como analgésico para as nossas consciências, deslocando a nossa atenção do Reino e do pobre para um Jesus que está a serviço dos

nossos desejos e vontades, fortemente marcados pelo consumismo e pela busca de gratificação imediata – típico do mundo pós-moderno. Da cruz, nem pensar!

Não devemos nos surpreender com isso – foi o grande problema para os discípulos desde o início. O Evangelho de Marcos, o mais antigo, tem como pivô Mc 8, 27-35, o texto que se refere ao incidente no caminho de Cesaréia de Filipe. Depois de fazer uma pergunta inócua – “quem dizem os homens que eu sou?” – inócua, pois não compromete quem responde, Jesus faz a pergunta essencial para toda discípula e discípulo de Jesus – “e vocês, quem dizem que eu sou?” No texto, parece que Pedro acerta quando responde “tu és o Cristo”. Mas o diálogo

seguinte demonstra que somente acertou na teoria, nos termos, pois para ele era inconcebível que ser o Cristo implicasse sacrifício e doação de si – uma visão bem pós-moderna na sociedade hodierna onde tudo é permitido, menos o sacrifício. Essa incapacidade de Pedro, de entender o verdadeiro Jesus e os desafios do seguimento merecia-lhe uma das frases mais duras de toda a Bíblia: “Fique atrás de mim Satanás, pois você pensa as coisas dos homens e não de Deus!” Jesus em seguida deixa bem claras as consequências de segui-lo, e não uma caricatura dele: “Quem quiser ser o meu discípulo/a, tome todo dia a sua cruz e siga-me”.

Não existem perguntas mais urgentes para uma renovação da nossa espiritualidade do que essas: “para mim, para nós, quem é Jesus, hoje?” e “o que quer dizer ser sua discípula, seu discípulo, na Vida Consagrada hoje?”

Na verdade as respostas se darão não tanto pela língua, mas pelas mãos e pés, pois é na prática da nossa missão que demonstramos essas respostas. A missão é consequência prática da nossa espiritualidade do discipulado – e, de novo, o Evangelho não nos deixa em dúvida, mas delinea claramente a missão de Jesus, e, portanto, a nossa. Talvez nenhum trecho seja mais paradigmático do que o texto lucano da visita de Jesus à sinagoga de Nazaré, quando voltou às suas raízes culturais e religiosas para lançar o seu programa de missão, e leu o texto de Is 61,1-3 (que Lucas toma a liberdade de modificar um tanto, tirando referências nacionalistas): “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos

cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos, e para proclamar um ano da graça do Senhor” (Lc 4, 18-19).

Anunciar a Boa Nova aos pobres

Uma espiritualidade baseada no seguimento de Jesus necessariamente desemboca numa ação evangelizadora que integra esses elementos da missão de Jesus. Somos todos ungidos/as pelo Espírito, portanto somos outros/as Cristos. Por isso é essencial que façamos um verdadeiro discernimento no nível comunitário e pessoal para clarificar o que significa hoje “anunciar a Boa

Nova aos pobres”, “proclamar a libertação aos presos”, “proclamar a recuperação de vista aos cegos”, “libertar os oprimidos” e “proclamar o Ano da Graça do Senhor”? Não há dúvida que a Vida Religiosa Consagrada deve estar na vanguarda dessa missão. A nossa espiritualidade tem que nos levar a ter como primeiros destinatários da nossa pregação e ação apostólica os pobres – e não esqueçamos que a palavra que Lucas usa para descrever essa categoria é “ptochois”, o que significa praticamente “indigentes”. Num mundo que globaliza até a pobreza e a exclusão, mesmo no chamado primeiro mundo a espiritualidade do discipulado nos desafia com perguntas bem concretas – na realidade, os pobres reais estão sendo os primeiros destinatários da nossa missão? Ou absorvemos tanto a ideologia hegemônica, disseminada com tanta habilidade pelos meios de comunicação em massa, que assimilamos, como que por osmose, os valores da cultura consumista e

hedonista? A nossa espiritualidade deve nos libertar em primeiro lugar das correntes do fechamento, consumismo, dos ídolos do Ter, Poder e Prazer, que facilmente entram em nossas vidas e atividades, diluindo a radicalidade da mensagem evangélica e o nosso testemunho profético. Deve nos ajudar em primeiro lugar recuperar a nossa vista – é notável que os cegos curados por Jesus nos Sinóticos não são cegos de nascença, como em João 9, mas cegos que tinham perdido a sua vista. Facilmente se verifica na VRC o mesmo fenômeno – perdemos a visão original da geração fundadora, nos satisfazemos com a eficiência nas nossas obras, muitas vezes nos tomando um elemento a mais na engrenagem da sociedade neoliberal e a serviço dela. Para que não sejamos cegos conduzindo cegos, a nossa espiritualidade deve fazer nosso o pedido do cego Bartimeu “Senhor, que eu veja de novo” (Mc 10, 51). Que vejamos com os olhos de Jesus, que interpretava o mundo a partir da sua experiência do Deus bíblico e da sua leitura do sofrimento do seu povo, muitas vezes justificado por uma ideologia travestida da teologia. Não existe uma espiritualidade que não tenha consequências concretas e esse trecho de Lucas nos dá ferramentas para que avaliemos a autenticidade da nossa, analisando os elementos da nossa atuação na missão.

Quando refletimos sobre a questão da nossa espiritualidade, devemos lembrar que a VRC, como a própria Igreja, não é um fim em si, não

**Quando refletimos
sobre a questão da
nossa espiritualidade,
devemos lembrar que a
VRC, como a própria
Igreja, não é um fim em
si, não existe para si. Ela
existe para ser
instrumento do Reino, o
Reino que já está no
meio de nós, o Reino
que todos nós
experimentamos como
“já presente, mas ainda
não”.**

existe para si. Ela existe para ser instrumento do Reino, o Reino que já está no meio de nós, o Reino que todos nós experimentamos como “já presente, mas ainda não”. Deve ser um dom – para a Igreja e para o mundo. Assim uma nova espiritualidade nos levará a um diálogo frutífero e dialético com essas duas realidades.

A Igreja institucional, em muitas áreas, parece ter feito marcha a ré nos últimos anos. Daí, parece haver emanado uma verdadeira crise de autoridade para muita gente. Acentuou-se em muitas áreas, o flagelo do clericalismo – muito diferente do grande dom do ministério ordenado do sacerdócio ou presbiterado!

Freqüentemente o aspecto religioso da vida dos religiosos-presbíteros quase que desaparece, submerso nas preocupações da vida ministerial. Assim toma-se importante o papel da Vida Religiosa feminina, testemunhando a natureza essencialmente laical da Vida Religiosa e resistindo esforços para reduzi-la a mão-de-obra de instâncias clericais. A contínua exclusão da mulher nos processos de tomada de decisão continua sendo grande problema e às vezes é tão gritante que se torna um verdadeiro escândalo. Também se constata uma perda de credibilidade devi-

do a alguns escândalos morais que sacudiram a Igreja em vários países. Um elemento muito negativo nos últimos anos tem sido a proliferação de movimentos, grupos e iniciativas de reavivamento católico, que ostensivamente fazem opção por uma fé cristã de cunho individualista, intimista, fundamentalista, devocional,

desencarnada e triunfalista. Pelo menos na América Latina, depois de algumas décadas de intensiva atividade evangelizadora profética, que custou não poucas vidas e muito sofrimento, mas que trouxe um verdadeiro reflorescimento da vida eclesial e religiosa, os tempos mudaram. A perseguição ostensiva acabou. Novos ares sopraram sobre o continente – e claro, sobre a Igreja e a Vida Religiosa. Com poucas exceções, nós não corremos o risco do martírio de sangue. Mas a dominação do Império continua. Na realidade a vasta maioria está subjugada ao seu poder econômico e militar. As decisões mais importantes são tomadas nos centros financeiros do mundo, sem levar em conta as necessidades do povo, e colocadas em prática por políticos, muitas vezes corruptos, afinados com os princípios nefastos do neo-liberalismo. Povos inteiros são sacrificados às exigências do lucro, exilados das suas terras, dispersos pelo Império, com as suas raízes familiares, religiosas e culturais destruídas. Tudo em nome do “progresso”, “desenvolvimento” ou “modernidade”. Diante dessa situação, não é de se admirar que haja desânimo, descrença e cinismo em grandes setores do povo, da sociedade civil e das Igrejas. Mais do que nunca, torna-se necessária uma Vida Religiosa vibrante, fervorosa e profética, porta-voz da Palavra de Deus, que resista a tentação da cooptação da parte da sociedade consumista e materialista, e redescubra o sentido da radicalidade da sua identidade, no anúncio e denúncia, sempre ao lado dos excluídos e oprimidos.

Estar no mundo sem ser do mundo

A Vida Religiosa, como toda a Igreja, enfrenta a questão da sua relação com a sociedade em geral. Como *“estar no mundo”*, sem

“ser do mundo”, como diz o Evangelho do Discípulo Amado (cf. Jo 17,16)? Durante séculos, a Igreja – e, portanto, a Vida Religiosa – via o mundo mais como lugar do mal, do perigo, do domínio do demônio, do que do encontro com Deus. Essa visão foi categoricamente rejeitada pelo Concílio Vaticano II, em documentos magistrais como *Gaudium et Spes*. Longe de ser do domínio do mal, o mundo é o palco da ação salvífica de Deus, e portanto, dos/as consagrados/as: “como tu me enviaste ao mundo, eu os envio também ao mundo” (Jo 17,18). Em lugar duma fuga do mundo, somos convidados a uma inserção nele como “sal da terra, luz do mundo, fermento na massa”, como diz o Sermão da Montanha. O mundo torna-se o palco da nossa ação evangelizadora, do nosso profetismo. Somos convidados a descobrir as “sementes do Verbo” no mundo, nas culturas, nas religiões.

Nem sempre soubemos “estar no mundo sem ser do mundo”. Após um entusiasmo inicial, muitas comunidades e indivíduos se conformaram ao mundo, aceitando os valores e a visão da sociedade hegemônica. Frequentemente nos tornamos indistinguíveis do mundo burguês que nos cerca, não o desafiamos, mas deixamos que ele nos assimile. Enfraqueceu-se a voz profética, o testemunho evangélico, e deixamos de ser a presença inquietante, questionadora, e libertadora de Jesus e sua Palavra numa sociedade classista de opressão e exclusão. É impossível, e nem desejável, que fiquemos alheios ao processo de pós-modernidade, que – ambivalente como é todo processo humano – traz muitas coisas positivas no seu bojo. Mas quantas vezes o aceitamos duma maneira acrítica e nem sempre no que tem de bom! A subjetividade torna-se individualismo, a liberdade anarquia ética, o respeito e valorização dos bens materiais, materialismo. O mundo não nos persegue, como perseguia Jesus e os

primeiros cristãos, porque não apresentamos nenhuma ameaça a ele! Pelo contrário, quantas vezes desviamos os olhos da miséria que nos cerca, para criar uma religião intimista e sentimentalista, sem compromisso com a transformação da sociedade, muitas vezes alimentada por uma leitura quase fundamentalista da Palavra de Deus. Deixamos que Jesus e o seu Evangelho sejam seqüestrados em favor da alienação e do *status quo* e nos tornamos servos dum mundo ainda mais idôlatrico do que o do primeiro século – porque sacraliza o lucro, prega a boa-nova da competitividade, exclui a maioria dos filhos/as de Deus, e aplaude a ganância e a acumulação! Uma religião que aceite essa situação sem denunciá-la, mesmo que faça cultos cristãos e invoque o nome de Jesus é idôlatrica!

Como os primeiros cristãos, temos que estar no mundo, mas na contramão – não por sermos sectários, mas porque temos uma outra proposta nascida da Palavra de Deus – a de Jesus, do Reino, da fraternidade, justiça e inclusão, tão clara nas páginas do Novo Testamento! Quando rezamos o Pai Nosso, nos comprometemos em lutar contra o racismo, o machismo, o sexismo, o clericalismo, a xenofobia e qualquer ideologia que divide e separa. Somos convidados para que busquemos um verdadeiro diálogo profético com a sociedade, as culturas e as tradições religiosas, sempre em busca da justiça do Reino de Deus! Vigiem para que os valores anti-evangélicos, muitas vezes disfarçados de positivos, não nos desviem da nossa verdadeira identidade e missão. Na busca duma “nova espiritualidade”,

**Quando rezamos o Pai
Nosso, nos
comprometemos em
lutar contra o racismo,
o machismo, o sexismo,
o clericalismo, a
xenofobia e qualquer
ideologia que divide e
separa.**

fortemente influenciada pelo mundo pós-moderno, não é raro que, dum lado, se substitua uma vaga “Força Cósmica” por Deus, a energia pela graça, a realização imediata pessoal pela salvação, sem muito lugar para uma visão comunitária, nem para uma vida de doação ou de sacrifício, e onde Jesus de Nazaré, o profeta perseguido, é substituído por um “Cristo” sem cruz, sem projeto concreto, sem opções concretas pelos oprimidos! Elementos esotéricos não estão totalmente ausentes da espiritualidade de alguns religiosos/as! Frequentemente o projeto comunitário e congregacional é subjugado aos projetos individuais; a liturgia vira aeróbica, satisfação emocional, e não a celebração da Ceia de Senhor, na fidelidade até a morte.

Do outro lado, não é raro um refúgio em manifestações emocionais de cunho neo-pentecostal, com linguagem dualista, quando não maniqueísta, e tendências de satanizar tudo que é do mundo material. Tende-se às vezes a favorecer explosões sentimentais mais do que meditar, com uma leitura orante, a Palavra de Deus, que exige decisões firmes e opções concretas em favor dos pobres. Quem não encontrou muitos exemplos do abandono da Vida Religiosa na primeira crise, sem luta, sem discernimento óbvio, aparentemente confirmando a doutrina pós-moderna de que um compromisso permanente é inviável? Não demonizemos tudo que é pós-moderno, da Nova Era, ou de outras tradições. Mas saibamos discernir, para que na nossa ansiedade de aculturação não traíamos a nossa própria identidade. Hebreus mais uma vez nos dá uma orientação para que não

desviemos do caminho certo: "Corramos com perseverança na corrida, mantendo os olhos fixos em Jesus" (Hb 12,1).

Numa sociedade que valoriza demais o imediato e até o superficial, onde quase tudo é descartável, e onde o "ter" significa mais do que o "ser", devemos ser vigilantes para que não vivamos uma ilusão. O Documento Vita Consagrada nos adverte: "a cada um é pedido não tanto o sucesso, como sobretudo o compromisso de fidelidade. O que se deve absolutamente evitar é a verdadeira derrota da Vida Consagrada, que não está no declínio numérico, **mas no desfalecimento da adesão espiritual ao Senhor e à própria vocação e missão**" (VC 63 – texto original grifado).

O presbítero João dá uma dica de renovação, a uma das suas Igrejas vacilantes – "Lembra-te pois, do que recebeste e ouviste. Guarda-o" (Ap 3,3). Esse convite pode servir de orientação para a Vida Religiosa, na sua busca de ser realmente viva. Para que sejamos sempre fiéis, precisamos reinventar ou repensar a nossa identidade, voltando às nossas raízes, à essência do nosso ser. Precisamos da coragem de muitas vezes caminhar no escuro, mas confiantes na presença de Deus, – uma opção difícil e que somente pode brotar duma experiência profunda do Deus da vida. A alternativa é de nos colocarmos a serviço do sistema hegemônico atual – e assim garantirmos as nossas finanças, as nossas obras, e provavelmente, os nossos números, mas correndo o risco de termos uma Vida Religiosa com "fama de estar viva, mas que está morta" (Ap 3,1). Um risco real, pois o mundo sempre elogiará uma Igreja e uma Vida Religiosa

que não o desafiam, mas que servem aos seus interesses. Uma Vida Religiosa que desmascara o que é encoberto, que dá voz aos excluídos, não interessa ao sistema atual, baseada na exploração e na miséria de milhões. Uma Vida Consagrada profética nunca será bem vista pelo poder dominador – seja ele civil, militar ou religioso!

Permanecer à escuta da Palavra

Nessa situação penosa ressoa a voz da *Palavra de Deus* como ressoava dois mil e seiscientos anos atrás, numa situação semelhante. "Há uma esperança para o seu futuro" (Jr 31,17) bradou Jeremias ao seu povo! Essa esperança tem um fundamento sólido – o único alicerce

dum mundo novo, o fato que Deus existe e age. Não o Deus que justifica e legitima a opressão, como a leitura fundamentalista da direita proclama, mas o Deus da *Bíblia*, o Deus de Jesus Cristo, o Deus que olha para o mundo e "vê muito bem a miséria do seu povo...ouve o seu clamor contra os seus opressores, e conhece os seus sofrimentos, desce

para libertá-lo e fazê-lo subir para uma terra onde brota leite e mel" (cf. Ex 3,7-10).

Para muitos religiosos/as e comunidades, apesar dos documentos e recomendações de Capítulos Gerais e Provinciais, a Palavra de Deus continua a ocupar uma posição periférica na vida e espiritualidade. Isso é muito preocupante, pois significa que uma significativa grande parte da Vida Religiosa dispensa um dos seus elementos constituintes – a Palavra de Deus.

Uma Vida Religiosa que desmascara o que é encoberto, que dá voz aos excluídos, não interessa ao sistema atual, baseada na exploração e na miséria de milhões.

Assim é fácil entender o porque da prevalência de substitutivos, – celebrações hiper-emocionais, busca de milagres, o culto de personalidade de certos líderes e fundadores de movimentos, apetrechos externos como trajes medievais, mais apropriadas para uma Cristandade sangrenta e opressora do que o seguimento do Mestre de Nazaré, cruzes enormes, normas e mais normas – quando o mais importante fica abandonado. Temos que acreditar que Deus anima mediante sua Palavra e seu Espírito toda a vida do seu povo. Toda a Vida Religiosa consiste na escuta da **Palavra** e é uma resposta a ela. O Concílio nos exige que toda a pregação da Igreja, como toda a religião cristã, e *a fortiori* a Vida Religiosa Consagrada, há de alimentar-se e reger-se com a Sagrada Escritura (DV 21).

Isto implica um câmbio de mentalidade, pois supõe fazer da Bíblia “a alma da Sagrada Teologia” (DV24), e por extensão a alma do anúncio da fé, de forma que a compreensão e oração das Escrituras dentro da Tradição se convertam no motor de todo agente evangelizador e anime todas as atividades pastorais e formativas (cf. Catecismo da Igreja Católica, 113). Uma metáfora ajuda a entendê-lo melhor: a Bíblia não é uma rama à mais da árvore da Igreja, um elemento a mais nas práticas da Vida Religiosa, mas a seiva que corre por seu tronco e por todas suas ramas.

Animação bíblica da Vida Religiosa

Isto supõe passar da “**animação da formação bíblica**”, entendida como uma a mais no conjunto das ações na formação inicial e permanente, à “**animação bíblica da Vida Religiosa**”. A Palavra Viva de Deus, que vai além do livro mesmo, se reconhece como fonte

e modelo de toda a ação eclesial. Nesta animação da nossa vida desde a Palavra de Deus atua o mesmo Espírito que inspirou os autores sagrados e animou os apóstolos na proclamação de Jesus morto e ressuscitado, que é chave de toda a Bíblia e da história humana. A animação bíblica da Vida Religiosa não significa aumentar o numero de cursos, encontros e reuniões bíblicas das nossas comunidades, embora possa incluir isso. É fazer da Palavra o eixo transversal da nossa vida e ação, buscando e alimentando em todos/as o encontro com Jesus Cristo vivo, conducente a “um autêntico processo de conversão, comunhão e solidariedade” (Ecclesia in America 3,8), mediante a leitura e compreensão da mensagem bíblica como Palavra de Deus, verdadeiro sustento e vigor da Igreja e da Vida Consagrada, autêntica regra de vida e inesgotável fonte de espiritualidade e evangelização (DV 21).

Conclusão

A Vida Religiosa, como toda a Igreja, enfrenta a questão da sua relação com a sociedade em geral. Como “**estar no mundo**”, sem “**ser do mundo**”, como diz o Evangelho do Discípulo Amado (cf. Jo 17,16)?

É óbvio que a Vida Religiosa hoje atravessa uma grande crise – pois a própria humanidade passa por essa experiência. Crises são sempre dolorosas, mas quando enfrentadas com serenidade e fé, superáveis e até necessárias para o nosso amadurecimento. Para enfrentá-las é preciso ter firmeza e algumas coordenadas. Podemos ouvir de novo o convite de Jeremias: “Coloque marcos na estrada, finque estacas para a sua orientação, preste atenção na estrada, o caminho que você percorreu” (Jr 31,21)

O grande marco no caminho é a Palavra de Deus. A Palavra que revela a fidelidade de Deus

que nunca abandonou o seu povo. Como escreveu o autor do Livro de Sabedoria, nas últimas palavras a serem escritas no Antigo Testamento; “Sim, ó senhor! De todos os modos engrandeceste e tornaste glorioso o teu povo. Nunca, em nenhum lugar, deixaste de olhar por ele e de socorrê-lo.” (Sb 19, 22). “Há uma esperança para o futuro”, mas ela tem que ser alimentada por uma constante leitura orante da Bíblia, feita na ótica do Deus que liberta, que se encarnou em Jesus, que trouxe a salvação para todos/as. Esse alimento espiritual tomado em comunidade é imprescindível para que possamos criar uma nova sociedade, passo por passo. Levemos a sério as palavras do anjo do Senhor para Elias, o grande profeta exausto e desanimado, quando disse “levante-se e coma, pois o caminho é superior às suas forças” (1 Rs 19,7).

Alimentados com a Palavra e o Sacramento, levando a sério o que proclama Dei Verbum, que “a Igreja sempre venerou as divinas Escrituras, da mesma forma como o próprio Corpo do Senhor” (DV 21), proclamemos em palavra e ação proféticas ao mundo, à Igreja e à Vida Religiosa que “HÁ UMA ESPERANÇA PARA O SEU FUTURO”. Mas para que tenhamos perseverança nas nossas opções evangélicas pelos pobres e marginalizados numa vida profética, torna-se absolutamente essencial que as nossas vidas sejam enraizadas numa mística profunda, baseada na Palavra de Deus, alimentada por uma regular Lectio Divina, feita individualmente e em comunidade. Não basta uma análise de

conjuntura (por tão indispensável que ela seja), nem uma indignação ética diante da situação de milhões (embora seja essencial) – nada pode substituir o verdadeiro fundamento das nossas opções – que sejam opções de fé, fundamentadas no Deus de Jesus Cristo, o Deus da Bíblia, aquele que “Ouve...Vê....Conhece...e desce” para libertar o seu povo. Isso implica um assumir incondicional da Cruz, uma alimentação da nossa fé através dum constante aprofundamento na Palavra de Deus “Lâmpada para os nossos pés, luz para o caminho” (Sl 119,105), sempre com uma leitura contextualizada, a partir da ótica dos sofrendores e marginalizados do nosso mundo. Numa sociedade de sincretismo religioso que nos oferece tantos caminhos aparentemente viáveis, ouçamos com seriedade a advertência de Paulo quando insiste diante do perigo da elite coríntia substituir a uma fé vivencial em Jesus, colocando uma filosofia grega no seu lugar, que “ninguém pode colocar um alicerce diferente daquilo que já foi posto: Jesus Cristo” (1 Cor 3,11), Jesus o Verbo feito carne, cujo projeto nos orienta e nos desafia nas páginas de Escritura, para que realmente sejamos instrumentos do Reino, tecendo uma nova espiritualidade que gera esperança e vida para todos e todas, para que “todos tenha a vida e a vida plenamente!”.

Endereço do autor:

Rua Baltazar Carrasco dos Reis, 887
Rebouças - 80215-160 Curitiba / PR
E-mail: thughes@netpar.com.br

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

- 1 - Quais são, no seu entender, os principais elementos de uma espiritualidade geradora de vida e esperança hoje?
- 2 - Como ajudar as comunidades masculinas e femininas a buscar resposta para os desafios da nova espiritualidade?
- 3 - Porque a Palavra de Deus pode ser considerada fonte de toda espiritualidade cristã? Como manter sempre viva essa fonte na experiência das nossas comunidades?

Renascimento da ética como bioética: Fundamentos a partir de Hans Jonas

FLAVIANO OLIVEIRA FONSÊCA, OFMCAp.

*O próprio fenômeno da vida rejeita os limites que
geralmente separam entre si nossas disciplinas e
nossos campos de trabalho.*

Hans Jonas

Introdução

Neste artigo, pretendemos em primeiro lugar, resgatar a noção de equilíbrio do corpo como estrutura orgânica viva, e que a natureza é o lugar das trocas responsáveis por tal equilíbrio; em segundo lugar, apresentar a aceção jonasiana de equilíbrio enquanto sistema orgânico e, a partir daí, fazer uma alusão quanto ao que concerne à proximidade entre a filosofia, a medicina (*technē ietriké*) e a bioética; finalmente, dizer que, é possível encontrar no pensamento de Hans Jonas possibilidades de fundamentação para a bioética como um novo saber que urge ser resgatado na contemporaneidade.

A humanidade sempre conviveu com grandes movimentos culturais e/ou religiosos que têm a prática de propor soluções sempre renovadas tanto para questões emergentes, quanto para situações persistentes que dizem respeito à condição humana e a busca de um equilíbrio dinâmico capaz de livrá-la da precariedade e do caos. De cunho religioso isso aconteceu de modo singular e estruturante com o Advento do Cristianismo (Com sua natureza singular, aqui se trata do evento histórico mais sagrado do Cristianismo), mas tarde apareceu o próprio o Movimento Franciscano, a Reforma Protestante, a Revolução Francesa, como outros grandes movimentos históricos, agora um grande

movimento, de cunho social tem se esboçado com o nome de BIOÉTICA. Naturalmente que, talvez, possa ser a maior mudança cultural das últimas décadas depois da enorme difusão da informação e do computador, ou seja, depois do avanço das tecnociências.

É de se notar que, esse movimento cultural tem a ver com a assim chamada “ética aplicada”, que inclui, além da bioética, a ética dos negócios (*business ethics*) e a ética ambiental, ou seja, um novo interesse geral para com a aplicação das “teorias éticas” em âmbitos específicos da vida social. A crítica entrou em cena com alguns autores, argumentando que a própria expressão “ética aplicada” é, minimamente redundante, sendo a ética, prática por natureza, logo o adjetivo “aplicado” seria uma redundância inútil e supérflua.

Todavia, essa crítica desconsidera o fato de que, a ética tem sido algo de estudos totalmente imparciais, objetivos e independentes da prática. Basta tomar por base a indagação tematizada e sistematizada inicialmente por Henry Sidwick no seu *The methods of ethics* (1874) –, individualizadas as diferentes teorias éticas, tais como o utilitarismo, a ética deontológica (na sua versão clássica ou na versão mais recente dos direitos), o egoísmo, etc., tudo isso aparece marcado por um alto grau de imparcialidade. Como esse tipo de pesquisa

pertence também à ética, pode-se então distinguir o estudo “teórico” daquele mais especificamente “prático”, que consiste em aplicar alguma teoria ética a um campo específico para ver quais são os balizamentos a serem encetados e obedecidos. Visto por este ângulo, a “ética aplicada” é um campo de indagação mais do que legítimo, sendo que a BIOÉTICA é o principal ramo desse movimento cultural, ou novo saber.

Na tentativa de aproximar a filosofia dos gregos antigos (ou “filosofia da natureza”) e bioética como cuidado para com a vida (busca de equilíbrio), pode-se invocar o pensamento de González¹ (2006), quando afirma que o termo bioética

apareceu pela primeira vez em um artigo de Potter, no final de 1970, e logo depois, em 1971,² com a publicação de sua obra *BIOETHICS: bridge to the future*³ (Bioética: uma ponte para o futuro), por ele elaborada e que encarava a necessidade de uma abordagem interdisciplinar para o tema em questão. Neste sentido, Potter advoga que

a humanidade necessita urgentemente de uma nova sabedoria que proporcione um conhecimento capaz de orientar o uso das possantes inventividades contemporâneas, e que isso se reverta em melhores condições de sobrevivência para o homem e que também contribua

para uma melhora na qualidade de vida (Potter, apud, González, 2006, p. 2).

Assim considerada, a nova ciência embasada na biologia, englobando positivamente os elementos fundantes das ciências sociais e humanas, bem como a filosofia, Potter propôs o neologismo “BIOÉTICA” para pôr em relevância os elementos mais importantes de tal composição, a saber: o conhecimento biológico (bios) e os valores humanos (ethos). Neste sentido, Potter, em 1971, afirmava que o significado da palavra “bioética” implicava fundamentalmente, em primeiro lugar, a sobrevivência de um futuro a longo prazo; reduz-se a uma questão de

A ética tradicional refere-se à inter-relação entre as pessoas, mas a bióetica diz respeito a pessoas e sistemas biológicos

bioética, não de uma ética tradicional; em segundo lugar, para que esse longo prazo se estabeleça, há que se implementar e desenvolver uma política bioética. A ética tradicional refere-se à inter-relação entre as pessoas, mas a bioética diz respeito a pessoas e sistemas biológicos; por isso, Potter afirma no prefácio de *BOIETHICS: bridge to the future* que necessitamos de uma Ética da Terra, de uma Ética para disciplinar a nossa convivência com a vida selvagem, de uma Ética de Produção, de uma Ética de Consumo, de uma Ética Urbana, de uma Ética Internacional, de uma Ética Geriátrica, dentre outras. Todos esses problemas requerem ações baseadas em valores e em leis biológicas.

¹ GONZÁLEZ, María del Carmen. *VAN RENSSLAER POTTER: LA BIOÉTICA GLOBAL*. Biblioteca Médica Nacional. República de Cuba: Centro Nacional de Información de Ciencias Médicas. Dezembro, 2006.

² POTTER, V. *Global Bioethics*. East Lansing: Michigan State University Press, 1988. e POTTER, V. 1971, *BOIETHICS: bridge to the future*. Engelwood Cliffs, Prentice Hall.

³ BIOÉTICA: uma ponte para o futuro.

Todos eles incluem a Bioética e a sobrevivência do ecossistema total constitui a prova de valor do sistema.⁴

Breve excursão sobre a filosofia da biologia

Uma maneira de aprofundar e contextualizar as chamadas "leis biológicas" que dão base e harmonia, ou seja, que imprimem equilíbrio ao terreno da vida, encontra-se especialmente em um texto de Hans Jonas datado do ano de 1957, intitulado: *"Bemerkungen zum Systembegriff und seiner Anwendung auf Lebendiges"*⁵ (Harmonia, equilíbrio e devir: o conceito de sistema e sua aplicação ao terreno da vida) e que mais tarde foi publicado na obra *"Das Prinzip Leben"*⁶ (O princípio vida). Nesta obra, Jonas advoga que "a biologia científica, cujas regras a mantém presa aos fatos físicos exteriores, é forçada a ignorar a dimensão de interioridade, que faz parte integrante da vida (...) o sentido da vida, quando explicado unicamente através da matéria, torna-se ainda mais enigmático que

"a biologia científica, cujas regras a mantém presa aos fatos físicos exteriores, é forçada a ignorar a dimensão de interioridade, que faz parte integrante da vida (...)"

antes."⁷ Neste sentido, o empreendimento de Jonas é, por um lado, derrubar as barreiras antropocêntricas da filosofia idealista e existencialista e, por outro lado, romper as barreiras materialistas das ciências naturais, pois urge conceber o mistério do corpo vivo como uma unidade indivisível, superando toda a dicotomia anterior.⁸ Na sequência deste raciocínio, Jonas avança para afirmar que no ser humano as contradições do

tipo "liberdade e necessidade, autonomia e dependência, o eu e o mundo, relações e isolamento, atividade criadora e condição mortal – já estão germinalmente (...) nas mais primitivas manifestações de vida, cada uma delas mantém um precário equilíbrio entre o ser e o não-ser",⁹ com a novidade que cada um traz em si um horizonte de

"transcendência". É de se notar que, o "nosso filósofo" vai empreendendo o seu tear filosófico na direção de afirmar a unicidade dos seres, e paulatinamente superar a dicotomização que marcou toda a filosofia da biologia anterior a Darwin. Desta forma, salta aos olhos de quem analisa o pensamento de Richard Wolin (2003) em *Los Hijos de Heidegger*¹⁰ (*Os filhos de Heidegger*) pois, ele chama a atenção para uma

⁴ GONZÁLEZ, Id. *Ibidem*.

⁵ JONAS, H. *O Princípio vida: fundamentos para uma biologia filosófica*. Tradução de Carlos Almeida Pereira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. Corresponde ao quarto capítulo de *Das Prinzip Leben: Ansätze zu einer philosophischen Biologie*. (em alemão). *The Phenomenon of Life* (em inglês).

⁶ Na tradução inglesa se lê: *The Phenomenon of Life*.

⁷ Jonas, *O princípio vida*, p.7.

⁸ Idem, *ibidem*.

⁹ *Ibidem*.

¹⁰ WOLIN, 2003, p.173.

observação pontuada por Nietzsche,¹¹ sobre o narcisismo humano. Na suas reflexões, o autor de *A Vontade de poder*, entende que desde Copérnico, o homem ocupou a centralidade do ponto X, e que o darwinismo se encarregou de dar um “novo e traumático” golpe em tal centralidade, pois a humanidade deixou de ser o coroamento da criação, e a partir daí as máscaras caíram; agora todos tiveram a certeza de que fazem parte de uma base biológica comum.

Essa investida teve uma repercussão monumental, pois era o que faltava para associar definitivamente todas as espécies de seres a um “patrimônio” comum capaz de dar base para todo o restante. Dessa forma, o homem, bem como todas as demais espécies, foi remetido inevitavelmente a um acidente biológico. Analisando-se o pensamento de Jonas em *O Princípio Vida*, ele dirá que a teoria darwiniana da evolução, por meio de sua combinação de variação aleatória e seleção natural, é testemunha incontestada da teleologia da natureza.

Impulsionado pelo nãilismo, moderno Hans Jonas¹² (2004) se encarregará de construir uma teoria filosófica capaz de suscitar e dar suporte às questões relativas aos fins últimos da existência humana e que aparecem sob a forma que hoje conhecemos por bioética.

Breve compreensão da emergência do paradigma bioético

Buscando compreender a emergência do paradigma bioético, Pelizzoli (2005, p. 20¹³) argumenta que isso significa ampliar o alcance de nossas percepções. Com uma abordagem fenomenológica, ele diz que importa conceber

a terra “como *Gaia*, organismo vivo que se auto-organiza, a vida comandando a própria criação (...) *Habitat* remete a habitar, habita-se pondo ‘a casa em ordem’ (cosmos) ou as coisas no seu devido lugar (ethos). Para habitar ordenadamente não se pode ter uma atitude destrutiva (...), mas pròvida, a favor da natureza (*Physis*), (...) daí a Bioética”. Neste sentido, o autor em questão advoga que estamos propriamente diante de uma ética Naturalista, e acrescenta dizendo se tratar da base histórica e primeira da Bioética, e

por isso mesmo tem uma validade inesgotável, digna de ser resgatada na contemporaneidade; ao fazer tal excursão, ele remete a Van Rensselaer Potter, que foi o primeiro pensador a trabalhar e circunscrever a bioética nestes parâmetros.

**Impulsionado pelo
nãilismo, moderno Hans
Jonas (2004) se
encarregará de
construir uma teoria
filosófica capaz de
suscitar e dar suporte às
questões relativas aos
fins últimos da
existência humana e
que aparecem sob a
forma que hoje
conhecemos por
bioética.**

¹¹Nietzsche, *La voluntad de poder*.

¹²Aqui tomo como referência a tradução brasileira da Vozes, 2004.

¹³PELIZZOLI, Marcelo. *O Ethos da Bioética e a existência do Outro*. In: Revista Perspectiva Filosófica. UFPe/UFPb, volume I – n. 23. Janeiro-junho/2005, p.20.

De acordo com Potter,¹⁴ o pensar e o ser da bioética se ocupam da vida; ao mesmo tempo ele formula a seguinte pergunta: como devemos tratar a vida? A bioética não pode ser identificada com a ética médica nem tampouco reduzida a bioética médica. Seu horizonte de compreensão é muito mais amplo, e isso pode ser percebido desde sua gênese. Importa dizer que se pode falar de uma bioética ecológica, médica, jurídica, dentre outras... Neste sentido, qualquer problema que envolva a vida, seja ele mais antigo ou atual e, sobretudo, se está impactado pela tecnociência moderna, a solução deles se busca com um método próprio de abordagem deste novo saber, e que se pode chamar de bioética.

No contexto da assertiva acima, podemos afirmar que a característica fundamental da bioética não reside propriamente na novidade dos temas apresentados, nem tampouco nos problemas a serem equacionados, mas sim no método de abordagem, que deve ser **interdisciplinar e não confessional**: prospectivo, sistemático e global. Ademais, ele está envolto em três grandes fatores: primeiro, em virtude dos avanços técnicos e científicos; segundo, pelas mudanças produzidas na

concepção de saúde e da prática médica e terceiro, pela secularização da vida moral. Neste sentido, importa chamar a atenção para uma reflexão que vise ter presente essas preocupações, iniciadas em certo sentido por Epicuro, ainda que de forma seminal, mas empreendida de forma robusta, atualizada e contextualizada por Potter. Pelizzoli(2007)¹⁵ opera um direcionamento para a questão em voga com problematizações inusitadas que conheceremos a partir de agora. Partindo desta ótica o professor Pelizzoli indaga nos seguintes termos:

(...) algumas perguntas que fazem transcender na direção paradigmática apontada, no momento do encontro da Bioética e da Filosofia com as Ciências da Saúde e Ambientais em particular, o que serve para pensar os limites do estatuto epistemológico das ciências naturais dominadas pelo cartesianismo, ao mesmo tempo em que convida a um diálogo mais profundo e interdisciplinar.

- Qual o lugar para as relações simbólicas e naturalistas na cura hoje?
- Qual o lugar para os saberes tradicionais sustentáveis na Medicina e na Agricultura, por exemplo?

¹⁴Bioquímico norte-americano, faleceu em 2001; foi primeiro a usar o vocábulo “bioética” em seu livro: *“Bioethics, Bridge to the Future”*; nesta obra, Potter propõe a criação de uma disciplina que integre (como uma ponte) o saber ético e o saber científico que se encontravam separados, como fórmula para salvar a ambas, mas principalmente em vista de melhor qualidade de vida, e isso de forma urgente e eficaz para a sobrevivência do homem e de seu meio ambiente. Naturalmente ele estava há 20 anos do início da revolução molecular que, por sua vez, potencializava a humanidade para grandes avanços, mas também com o risco de provocar grandes desastres na ausência de aplicação de condicionantes éticos. O neologismo bioética surgiu para indicar um movimento ou processo cuja preocupação ética era o bom uso do conhecimento da biologia molecular. (cf. HASSNE, William Saad. *Bioética: a evolução na investigação cinética*. IN: **Bioética ou Bioéticas na evolução das sociedades**. Edição Luso-Brasileira, Gráfica de Coimbra 2 & Centro Universitário São Camilo, 2006.

¹⁵Aqui transcrevo algumas provocações expressas pelo professor Marcelo Pelizzoli em *Bioética como novo Paradigma*. Vozes, 2007, p. 148.

- Qual o lugar da intuição, da experiência de vida e da sabedoria acumulada pelos povos?
- Qual o lugar para as práticas tradicionais, seja oriental, seja ocidental?
- Qual o lugar da psique na intervenção humana?
- Qual o lugar e importância de uma medicina preventiva e branda?
- Qual o lugar da doença como manifestação psicossomática e autodefesa do sujeito? Ou seja, qual o lugar do *Pathos* verdadeiro?
- Qual o lugar da psicologia e da psicanálise na relação com a medicina?
- Qual o lugar da epistemologia contemporânea, sistêmica, crítica, da alteridade, da teoria no sentido amplo? Qual o lugar então da razão não-instrumental, do *logos* compreensivo-interpretativo do saber?
- Enfim, qual o lugar da ética do humano e da responsabilidade aí, diante das demandas da economia de Mercado?

Creemos que não há outra palavra mais fundamental para o momento que não seja: **TRANSPARÊNCIA**. Dito de outra maneira é de se esperar que esse novo saber sobre a ética aplicada às diversas manifestações da vida e em especial a vida humana seja marcado pelo acesso às informações e que a discussão democrática tenha o poder de perpassar todos os momentos dessas novas investigações científicas por uma

... como nos ensina o aforisma hipocrático: "a vida é curta, a arte é longa, a sorte é desigual, a experiência não é segura e o julgamento é difícil".

razão muito simples. Se o que se quer é aumentar os bens e serviços para a humanidade como um todo, então nessa empreitada todos são chamados a colaborar para que a ciência avance com segurança e transparência, sem que haja motivos para subtração espúria (por força do dinheiro e da fama) da confiança e da boa fé de quem quer que seja, em especial dos mais pobres e por isso mesmo mais vulneráveis.

Considerações Finais

Diante do exposto, algumas inquietações se nos apresentam a respeito de como se atinge esse equilíbrio do corpo na perspectiva de uma *sapientia vitae*. Os dilemas de hoje, como no tempo de Hipócrates, continuam a nos desafiar, pois diante de questões complexas, cremos que tão somente uma abordagem inter- e multidisciplinar, como é proposta pela bioética inspirada em Potter, poderá ajudar-nos a compreender melhor as suas interpelações, pois como nos ensina o aforisma hipocrático: "a vida é curta, a arte é longa, a sorte é desigual, a experiência não é segura e o julgamento é difícil".¹⁶

Neste sentido, se por um lado em Epicuro a preocupação com o equilíbrio da carne/alma, e que atingimos tudo isso quando há uma fluência de sinergia, (corpo/alma/vida natural), por outro lado, no dizer de Epicuro, só se consegue tal estado com esforço, pois "convém então

¹⁶Cf. Revista Médica da Bahia, julho de 1945. SOCIEDADES MÉDICAS – Joaquim José Ferreira-TSBCP – artigo clássico.

discriminar todas as coisas com o cálculo daquilo que é conveniente e a ponderação (phrónesis) daquilo que é prejudicial, porque em certas circunstâncias, o que parece bom é um mal para nós e o que parece mal é um bem para nós".¹⁷ Ampliando sobremaneira a preocupação com o equilíbrio numa atitude de simbiose com o meio natural, Hans Jonas desenvolve as bases de uma ética em proporções inter- e intrageracional, ou seja, sua preocupação está vinculada com a vida em todas as suas manifestações. Em Jonas não há uma preocupação unilateral com essa ou aquela espécie, mas ele instaura um *dever* implacável diante dos que se encontram em situação de vulnerabilidade e de assimetria, passíveis de perecimento. É de se notar, portanto, o seu intento por preservar a

essência do homem nas suas inter-relações. Daí empreende uma ética em vista da perenização da vida ante as investidas de um cego progressivismo da era tecnológica.

Flaviano Oliveira Fonsêca, OFMCap.

Filósofo, Teólogo, Professor.

Doutorando em Ciências da Religião,

PUC-SP/ Filosofia, UFPE.

Autor da obra: HANS JONAS:

(bio) ética e crítica à tecnociência,
editora, UFPE e de vários artigos
em revistas especializadas no país.

Endereço do autor:

Convento São Judas Tadeu.

Rua Bolívia s/n - B. América

49080-090. Aracaju-Se.

fflaviano@hotmail.com

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1 - O que o autor quer dizer exatamente quando se refere ao renascimento da ética como bioética?
- 2 - Você e sua comunidade têm procurado acompanhar o desenvolvimento dessa ciência e os seus desdobramentos para a ação pastoral da Igreja?
- 3 - Como a Vida Religiosa pode tratar de responder aos novos desafios surgidos dessa realidade?

¹⁷Diógenes de Laertios, X,130apud Silva, p. 51.

Índice alfabético por autor

Convergência, ano de 2007

Este índice foi feito seguindo este critério: AUTOR. E abrange apenas o ano de 2007. O primeiro algarismo representa o número da revista. O segundo indica a página.

ACEVEDO, Pedro, FSC – A Vida Religiosa perante a V Conferência do Episcopado Latino Americano e Caribenho	400/75
ARNAIZ, José Maria, SM – Para servir comandando e para comandar servindo. O exercício do poder na Vida Consagrada	407/550
BARROS, Paulo César – Pastores à escuta do Senhor. Episcopado e Igreja Povo de Deus	403/281
BRASSIANI, Itacir, MSF – É preciso avançar corajosamente!	406/474
BRIGHENTI, Agenor – Os critérios para a leitura do Documento de Aparecida. O pré-texto, o con-texto e o texto	404/335
CASAGRANDE, Moacir, OFMCap. – De um Deus intervencionista para um Deus acionista na História	401/181
CHERRES, Alex Viguera, SS.CC. – Acolher tudo para dar tudo, por todos	404/375
COMBLIN, José, SJ – A Vida Religiosa e os novos espaços	399/15
DE MORI, Geraldo Luiz, SJ – Alguns elementos para se compreender hoje a Teologia da Graça	408/604
DEL-FRARO e FILHO, Patrícia Ferreira e José Del-Fraro – A teoria do amadurecimento pessoal, a adolescência e a Vida Religiosa	399/37
FELLER, Victor G. – Teologia da encarnação e opção pelos pobres	403/292
FILHO, José Del-Fraro – O amadurecimento humano, a Vida Religiosa e a Espiritualidade	407/558
FONSÊCA, Flaviano Oliveira, OFMCap. – Renascimento da ética como bioética: Fundamentos a partir de Hans Jonas	408/629
FREITAS, Maria Carmelita de, FI – Fundadores e Fundadoras: homens e mulheres de Igreja ao serviço do Reino	407/568

GAGO, Eloísa Maria Bracerias, OP – Paixão por Cristo, paixão pela humanidade – Discernindo o presente na busca de um futuro para a Vida Religiosa	399/47
GASDA, Élio Estanislau, SJ – Com os pobres, para que todos tenham vida	403/305
GOMES, Paulo Roberto, MSC – Cremos em um Deus fracassado	403/315
GOPEGUI, Juan Antônio Ruiz De, SJ – Teologia Mariana e Diálogo Ecumênico	405/399
HUGHES, Thomas, SVD – Desafiadas a tecer uma nova espiritualidade que gere esperança e vida para todos e todas	408/616
JOSAPHAT, Carlos, OP – Urgência de uma estratégia ética face ao sistema da mídia	401/153
JUNGES, José Roque – As interconexões entre saúde e ambiente na defesa da vida em tempos pós-modernos	404/354
KONINGS, Johan, SJ – Narrando e Celebrando	405/413
LIBANIO, J. B, SJ – O Religioso/a e a pós-modernidade	401/142
LINHARES, Jussara – Família e Catequese: História de uma crise ou esperança de um novo caminhar?	400/100
LOPES, Mercedes, MJC – A mística do discipulado	402/203
MATOS, Henrique Cristiano José, CMM – Charles de Foucauld interpela a Vida Religiosa, hoje	407/527
MOREIRA, Gilvander – Gênesis 1 a 3: Re-criação	402/237
MURAD, Afonso, FMS – Mútuas Relações entre Religiosos(as) e Leigos em Instituições Profissionais	406/493
OLIVEROS, Roberto, SJ – Antecedentes da V Conferência Geral do Episcopado na tradição Latino-Americana	399/23
PERANI, Claudio, SJ – Espiritualidade Amazônica	406/465
PEREIRA, Márcio Henrique, OFM – Da Vida Consagrada à consagração da vida: Reflexões para uma mística socioambiental	401/175
PEREIRA, William César Castilho – Subjetividade na pós-modernidade: motivações, desejos, sonhos	400/116
PEREZ-COTAPOS, Eduardo, SSCC – Ser discípulos hoje	402/214

POTENTE, Antonieta, OP – Despertar	401/166
STADELMANN, Luís, SJ – Espiritualidade Bíblica	405/422
SUESS, Paulo – Povos indígenas na Amazônia Brasileira	400/86
SUNG, Jung MO – Violência, desejo e a crise do sistema capitalista	402/222
TEIXEIRA, Faustino – Enlaçados no Mistério: o diálogo entre cristãos e mulçumanos	404/365
TEIXEIRA, Vinícius Augusto R., CM – Experiência de Deus no coração da vida	405/438
VAZ, Florêncio de Almeida, OFM – Identidade Indígena e Vida Religiosa	406/504
VILARROEL, Patrícia, SS.CC. – A realidade do poder na formação inicial	406/484
VITÓRIO, Jaldemir, SJ – A Vida Religiosa Samaritana. Uma leitura à luz de Lc 10,25-37	408/588

CRB (Informe)

- Dom Franco, uma lição de amor à missão 399/13
- 1. Mensagem Pastoral ao Povo de Deus sobre a visita do Papa Bento XVI
ao Brasil e a 5ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano 400/72
- 2. Quarta Semana Social Brasileira. Seminário de conclusão. 400/73
- Assembléia Geral Ordinária – Ampliada 401/139
- Curso de Formação para Religiosas/os que atuam na Prevenção e/ou
Assistência às vítimas do Tráfico de Seres Humanos. 2ª etapa 402/201
- 1. Reunião do Grupo de Trabalho – GT. VR – Inserção e Novas Formas de
Presença Solidária 403/273
- 2. Declaração. Fraternidade e Amazônia Vida e Missão neste chão 403/276
- V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e Caribenho.
Aparecida/SP 404/331
- 1. XXI Assembléia Geral Eletiva Extraordinária da CRB 405/392
- 2. Moção da XXI Assembléia Geral Eletiva da CRB Nacional 405/395
- 3. Documento Final da XVII Assembléia Geral do CIMI 405/396

• 1. Carta aos Catequistas	406/458
2. Apontamentos sobre a VR Inserida em meios populares e em novos espaços de presença solidária – AGE 2007	406/460
• 1. PROFOCO. Curso de Teologia – Módulo 04	407/520
2. Considerações sobre a realidade do GRENI a partir da participação e acompanhamento aos grupos nas regionais da CRB Nacional	407/522
• 1. CERNE – Centro de Renovação Espiritual. 30 anos a serviço da Vida Religiosa Consagrada	408/583
2. Plano de Evangelização Solidária na Amazônia	408/586
3. Seminário Inter – Regional da VRI e Solidária	408/587

EDITORIAL (Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI)

– Novos espaços e novas propostas	399/1
– Nova encruzilhada histórica	400/65
– A primazia do amor	401/129
– Discípula e servidora	402/193
– O Papa no Brasil	403/257
– Renascer do Espírito	404/321
– “Diga a esta geração: avance” (Ex 14,15)	405/385
– Discípulos e Missionários	406/449
– A Vida no Espírito	407/513
– Celebrar o Natal	408/577

BENTO XVI

♦ Mensagem de Sua Santidade Bento XVI para a celebração do Dia Mundial da Paz – 1º de janeiro de 2007. A pessoa humana, coração da paz	399/5
--	-------

- ♦ Mensagem do Papa Bento XVI para o 41º Dia Mundial das Comunicações Sociais.
"As crianças e os meios de comunicação social: um desafio para
a educação" 400/69
- ♦ Mensagem do Papa Bento XVI para a XXII Jornada Mundial da Juventude.
"Que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei" (Jo 13,34) 401/134
- ♦ Mensagem Urbi et Orbi de Sua Santidade Bento XVI. Páscoa 2007 402/197
- ♦ Palavras do Papa Bento XVI na sessão inaugural da V Conferência Geral
do Episcopado Latino-Americano e do Caribe 403/261
- ♦ Discurso do Santo Padre aos jovens na praça diante da Basílica de
Santa Maria dos Anjos 404/325
- ♦ Palavras do Papa Bento XVI para o 93º Dia Mundial do Migrante e
do Refugiado (2007). A família migrante 405/389
- ♦ Mensagem do Papa Bento XVI para o LXXXI Dia Missionário Mundial 2007.
"Todas as Igrejas para o mundo inteiro" 406/454
- ♦ Porquê um Sínodo sobre a Palavra de Deus 407/515
- ♦ Discurso do Papa Bento XVI ao Conselho Ordinário da Secretaria Geral
do Sínodo dos Bispos 407/519
- ♦ Discurso do Santo Padre aos Chefes Religiosos na Aula Magna do Seminário
Episcopal de Capodimonte 408/581



CRB

Quadro Programático da CRB 2007-2010

HORIZONTE

Em meio às profundas transformações e grandes desafios que envolvem a humanidade hoje, ouvimos a Palavra de Deus que nos interpela: avancem (Ex 14,15). Acolhemos esta Palavra como discípulas e discípulos de Jesus Cristo, na mística da encarnação e no testemunho profético a serviço da vida, especialmente a dos pobres e excluídos, partilhando, com espírito missionário, a razão de nossa esperança (1 Pd 3,15).

PRIORIDADES

1. Reafirmar o compromisso da VRC no serviço à vida, diante das grandes questões sociais e ambientais; e fortalecer a inserção nos meios populares e em novos espaços de solidariedade e cidadania.
2. Cultivar uma espiritualidade encarnada e profética, centrada na Palavra de Deus e na mística do discipulado, aberta à diversidade cultural, religiosa e de gênero.
3. Dinamizar a formação inicial e continuada diante da mudança de época, de forma integral, humanizante e geradora de novas relações.
4. Ampliar as alianças intercongregacionais, as redes e parcerias, na formação e na missão, e intensificar a partilha dos carismas com leigos e leigas.
5. Buscar novas formas de aproximação e presença junto às juventudes.